EDIÇÃO 398-A • JANEIRO / 2019
Android e iPad
EXEMPLAR DIGITAL

DOSSIÊ

SUPER INTERESSANTE

p.12
Núbia, Songai, Iorubás: a saga dos **IMPÉRIOS AFRICANOS**.

p.20
O tráfico de escravizados **ANTES DE PORTUGAL**.

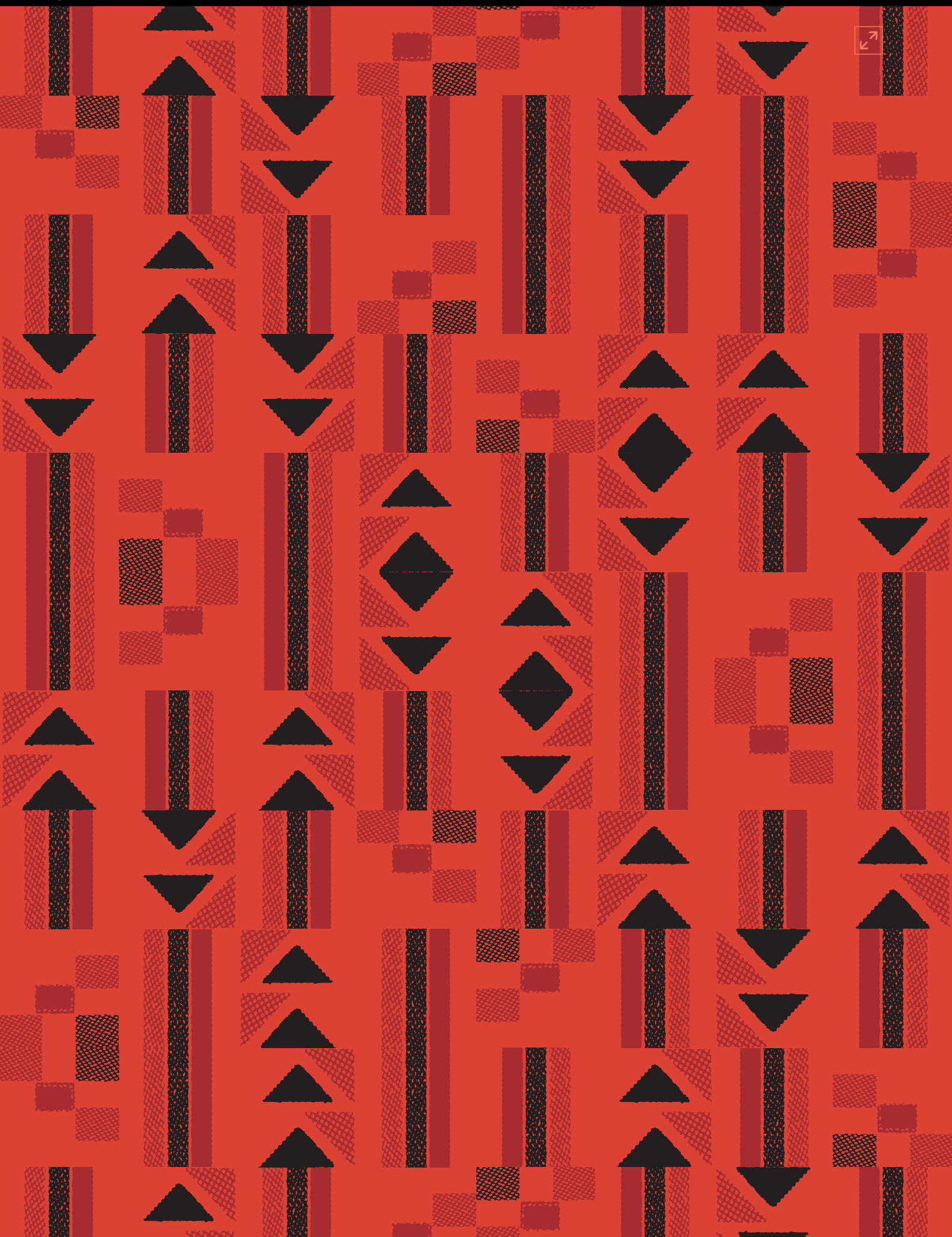
p.54
A ECONOMIA, A CULTURA E A CIÊNCIA na África do século 21.

p.38
OS ATIVISTAS NEGROS que reescreveram a história.

ÁFRICA

TODA A HISTÓRIA DO CONTINENTE QUE DEU À LUZ A HUMANIDADE

Abril



ÁFRICA

300 MIL ANOS DE HISTÓRIA

CARTA

ÀS OUTRAS ÁFRICAS

Há uma fala famosa da escritora nigeriana Chimamanda Adichie em um TED sobre a "história única" que o resto do mundo convencionou colar à África. A autora do livro *Como Educar Crianças Feministas* contou que, ao chegar para estudar nos EUA, aos 19 anos, foi surpreendida com a recepção da sua colega de quarto. "Ela perguntou onde eu tinha aprendido a falar inglês tão bem e ficou confusa quando eu disse que, por acaso, a Nigéria tinha o inglês como língua oficial", disse. "Minha colega de quarto conhecia uma única história sobre a África. Uma única história de catástrofe. Nessa única história não havia possibilidade de os africanos serem iguais a ela, de jeito nenhum."

O espanto da colega de quarto poderia ser o meu. Como ela, só conhecia uma parte da história da África – a mais triste, com escravidão, fome e morte –, que domina o imaginário ocidental. O problema dessa visão simplificada é que não existe apenas uma África, mas várias.

E esse é o objetivo deste dossiê: mostrar que o continente onde nasceu o *Homo sapiens* não é apenas palco de guerras e conflitos, mas um mosaico de civilizações culturalmente diversas e sofisticadas, como o pouco conhecido Império Etíope, que data desde muito antes de os europeus terem chegado ao continente e tentado subjugá-lo.

A África abriga hoje a segunda maior indústria de cinema do mundo, na Nigéria; democracias fortes, como Cabo Verde; crescimento econômico invejável, exemplo da Etiópia (até bem pouco tempo atrás, símbolo da fome), e, em breve, o maior radiotelescópio do mundo. Ativistas pela liberdade, como Nelson Mandela, conseguiram transformar a luta contra o racismo de um país numa luta do mundo inteiro.

Se você acabar a leitura com a sensação de que conhece melhor o continente onde nascemos – sim, somos todos africanos de origem como Adichie –, teremos cumprido nossa missão. Ainda existe fome, guerras e riqueza mal distribuída no continente de Mandela. Mas essa é apenas parte da história. Essa, e a outra parte, você também lerá nas próximas páginas.

Sílvia Lisboa
EDITORA

PARTE I
DESENHANDO UM CONTINENTE

8 Berço da civilização

12 Os reinos ancestrais

20 A era da escravidão

26 Primeira a chegar, última a sair

PARTE II
DESAFIOS DA LIBERDADE

32 A partilha da África

38 África para os africanos

42 Apartheid

48 Guerras, ditaduras e fome

PARTE III
ÁFRICA DO SÉCULO 21

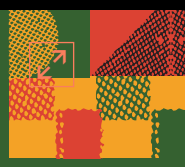
56 África hoje

58 Nollywood, o segundo maior cinema

60 Um novo colonialismo?

62 Ciência da África

PARTE



DESDE NHAN DO UM CONTI NENTE

A África antes e depois dos europeus.

Somos todos africanos

Por que a África foi tão maternal com nossos ancestrais que deixaram seus rastros espalhados pelo continente.

texto **Sílvia Lisboa** ilustração **Ícaro Yuji e Evandro Bertol**

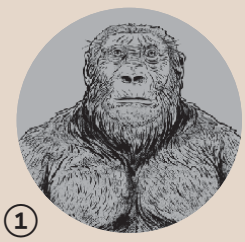
Charles Darwin suspeitava que o homem havia nascido na África. Na página 191 de seu livro *The Descent of Men* (A descendência do homem), publicado em 1871, o cientista que criou a teoria da evolução das espécies escreveu sobre o que, até então, era apenas uma hipótese inédita. "É mais provável que nossos progenitores tenham vivido no continente africano do que em outro lugar", inferiu. A suspeita do naturalista inglês residia no fato de que os gorilas e chimpanzés, parentes mais próximos do *Homo sapiens*, eram africanos.

Mas, para muitos, era difícil engolir que nossos antepassados tinham uma aparência de macaco e um cérebro do tamanho de uma tangerina. Para "provar" essa tese, em 1912, o inglês Charles Dawson colou uma mandíbula de orangotango num crânio, fez tratamentos para a ossada parecer envelhecida e apresentou o achado como a prova de que nossa origem era a Europa. A farsa só foi desmascarada 40 anos depois, mas, enquanto o golpe de Dawson seguia iludindo muitos, provas de que o berço humano era a África apareciam, incendiando a polêmica.

Em 1924, a hipótese de Darwin ganhou força: o fóssil de uma criança que caíra num buraco após ser atacada por uma águia, onde ficou enterrada por 3 milhões de anos, foi descoberto. Seu crânio, encontrado em Taung, uma pequena província no noroeste da África do Sul, chegou às mãos do anatomista australiano Raymond Dart, então professor da Universidade de Witwatersrand, em Joanesburgo, e mudou a história da evolução humana.

Dart correu para escrever sobre seu achado, que batizou de *Australopithecus africanus*. No início, os mais proeminentes cientistas torceram o nariz para a revelação. Mas o paleontólogo escocês Robert Broom decidiu persistir no caminho de Darwin e Dart e se enfurnou por dez anos, entre 1930 e 1940, nas cavernas de calcário da África do Sul atrás de novos bebês de Taung. Encontrou dezenas de crânios e mandíbulas semelhantes à criança morta pela águia, batizados *Australopithecus* com diferentes sobrenomes: *sediba*, *robustus* etc. As investigações das ossadas descobertas por Dart e Broom mostraram que esses primeiros hominídeos, de até 3 milhões de anos, eram capazes de trabalhar com pedra e osso, construir cabanas e viver em grupos, algo decisivo para nossa espécie ter chegado até aqui.

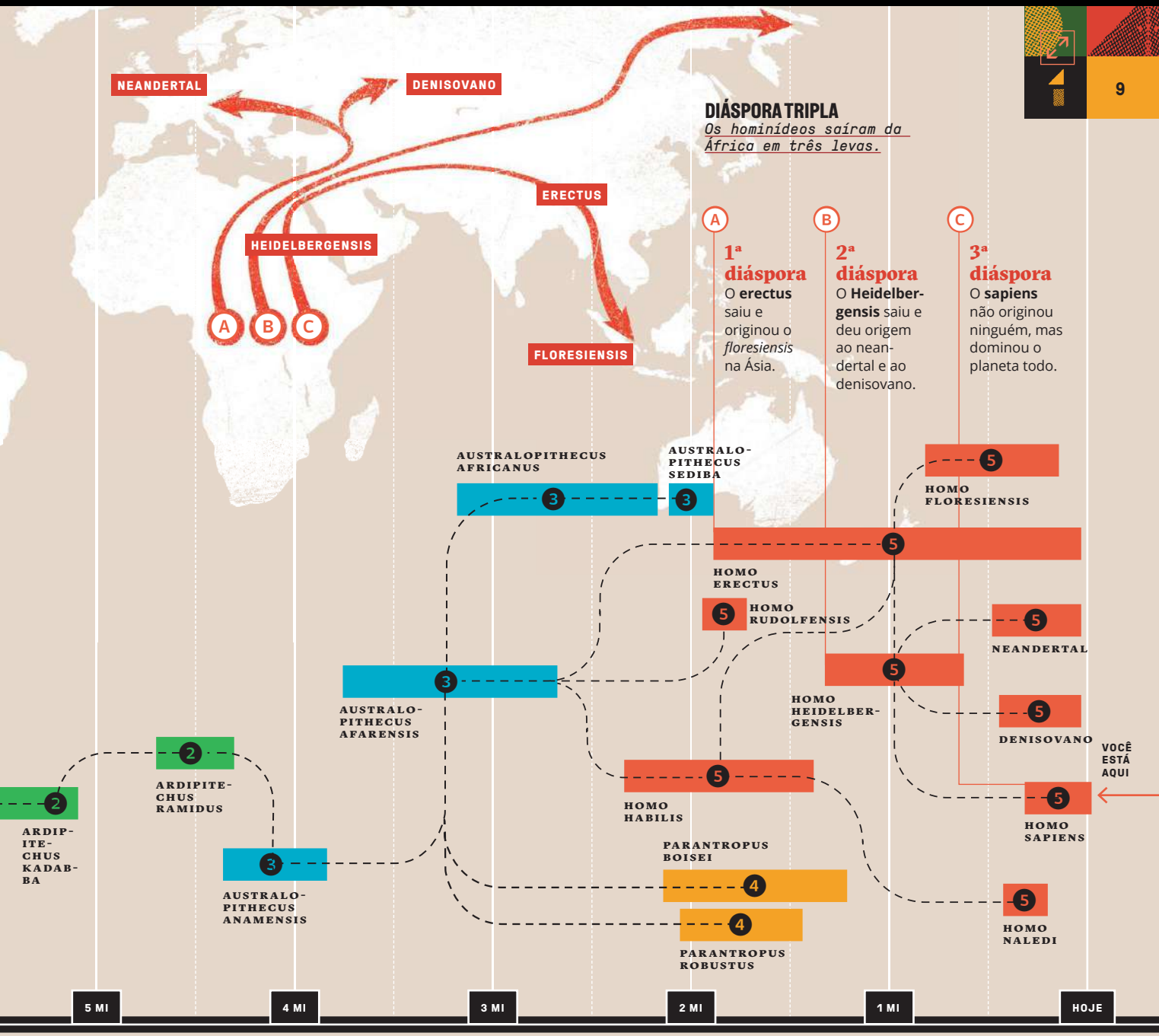
Com as descobertas em série, o bebê de Taung acabou sendo considerado a primeira grande evidência de que a



1

SAHELANTHROPUS TCHADENSIS

Não conhecemos nosso ancestral comum com os chimpanzés. Mas já sabemos como eram seus primeiros descendentes, como este hominídeo, de 7 milhões de anos, uma mistura de traços símios com humanos.



② **ARDIPITHECUS RAMIDUS**

Este parente de 4,5 milhões de anos tem adaptações na pélvis que indicam tanto a capacidade para caminhar sobre duas patas como para escalar árvores – é a grande característica dos ardipitecos, esse antigo ramo da linhagem humana.

③ **AUSTRALOPITHECUS AFARENSIS**

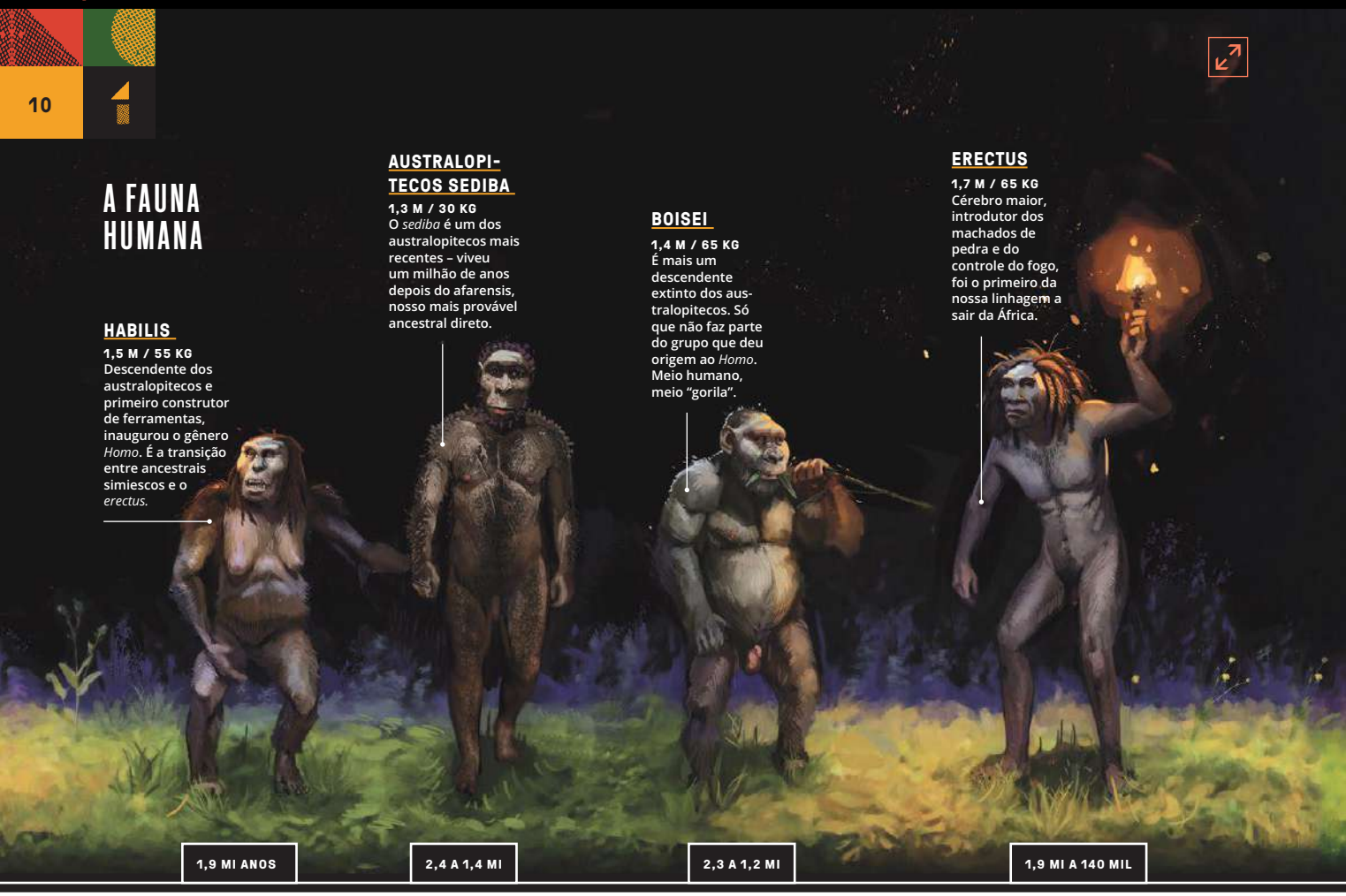
Houve várias espécies de australopitecos, mas a linhagem que deu origem ao gênero *Homo* provavelmente foi a *afarensis*, que sobreviveu por 1 milhão de anos, adaptando-se a diferentes condições ambientais.

④ **NEANDERTAIS**

São nossos primos e dos denisovanos. Foram feitos para suportar o frio europeu, mas também viviam em áreas mais quentes, como o Oriente Médio. Foi lá, há 60 mil anos, que *sapiens* e neandertais começaram a ter filhos híbridos.

⑤ **SAPIENS ARCAICO**

Os fósseis do Marrocos mostram que o *sapiens* é mais antigo do que achávamos. E mais: que algumas variedades mais arcaicas reproduziram-se entre si na África antes de a espécie se consolidar na forma do *sapiens* moderno.



África é o berço da nossa espécie. Mas viriam muitas outras. Fósseis pré-humanos e humanos foram encontrados na Tanzânia e no Quênia, ambos na África Oriental, e mais recentemente no Marrocos, no Noroeste.

O homem nasceu na África porque o continente oferecia (e continua oferecendo) uma diversidade de ambientes propícios para a sobrevivência de primatas. Ao contrário de outras regiões do planeta, onde o clima passou por eras glaciais que dificultaram a vida, as oscilações climáticas da África não foram tão radicais. O continente tem paisagens de todo tipo: planícies, florestas, savanas, montanhas, desertos, lagos, rios e praias, uma exuberância de ecossistemas que fez florescer uma biodiversidade impressionante. Flora e faunas abundantes significam alimento de sobra, e foi por essa razão que a África também foi o berço de outros grandes animais – leões, elefantes, rinocerontes. As opções de habitat e comida facilitaram a perpetuação dessas grandes espécies, que surgem apenas em cadeias alimentares complexas. Leões, elefantes e gorilas continuam vivos hoje na África porque seus antepassados tiveram opções para se adaptar diante das novas circunstâncias que foram surgindo ao longo de milênios – como novos predadores e mudanças climáticas que alteravam a oferta de alimentos.

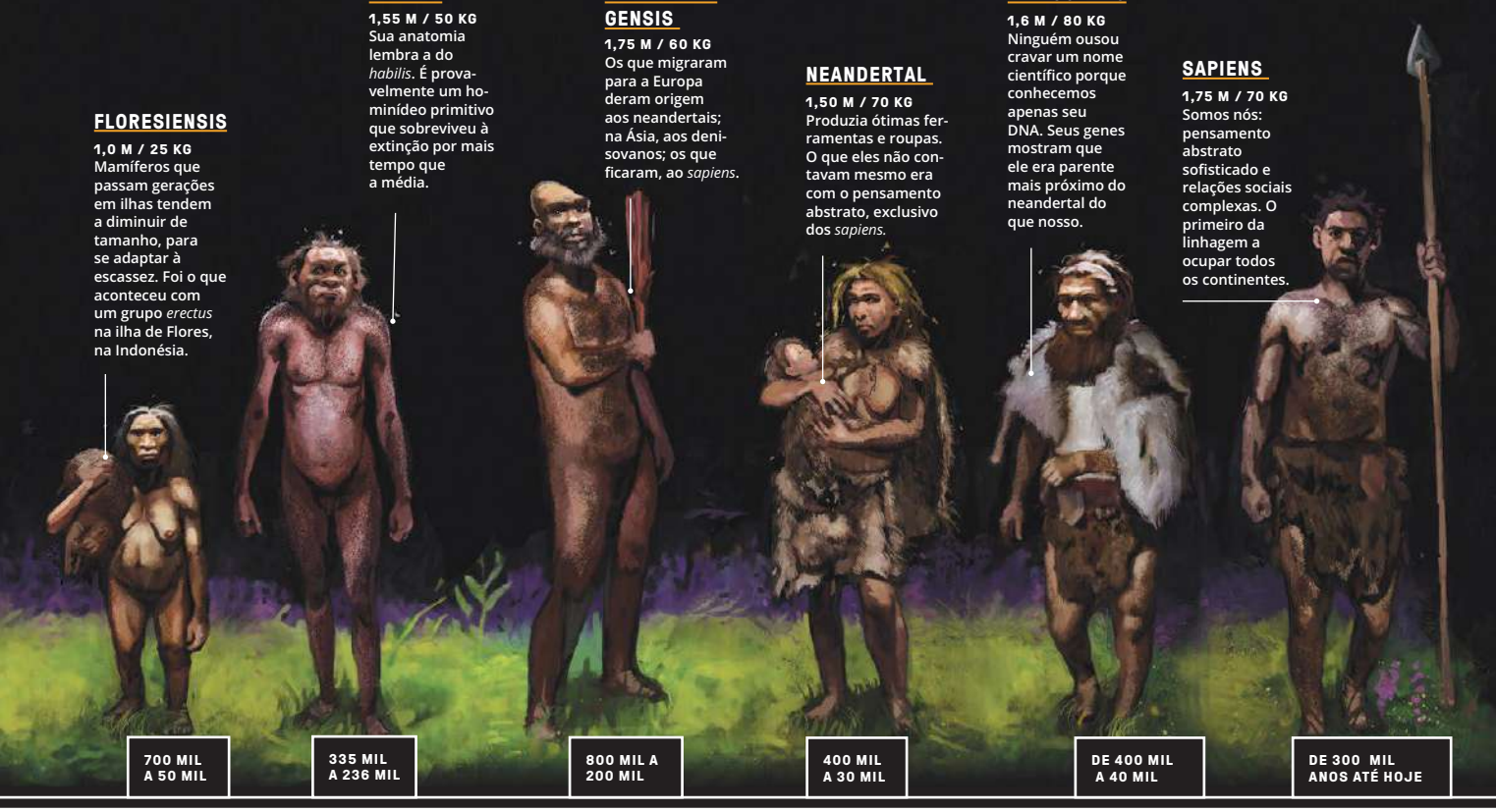
O sucesso dos humanos na África também tem uma dose de acaso. Foi lá que surgiram as inesperadas mutações genéticas que permitiram aos primatas de milhões de anos atrás criar ferramentas complexas – e elas poderiam ter brotado em primatas de qualquer canto do globo. Se os genes mutantes tivessem surgido em outros continentes, os humanos teriam sobrevivido à natureza? É possível, mas a África oferecia abundância de condições de sobrevivência e facilitou a perpetuação do novo DNA.

Os elos perdidos

Uma parte fundamental desse quebra-cabeça evolutivo surgiu em 1974, na Etiópia. Em novembro, quando o último imperador etíope havia sido recém-deposto (*leia mais na pág. 12*), o paleoantropólogo americano Don Johanson fazia parte de uma equipe à caça de ossos de hominídeos, alheios à instabilidade política do país. Junto com um colega, o ainda estudante Tom Gray, Johanson resolveu checar uma parte do deserto que já havia sido explorada pelos arqueólogos. Foi ali que ele achou um ossinho de cotovelo que o levou a encontrar vários outros fragmentos de um hominídeo. No acampamento, quando examinavam o esqueleto, identificaram que se tratava de uma espécie do sexo feminino. No rádio ao lado, tocava a canção *Lucy in the Sky with Diamonds*, dos Beatles. Estava batizada a descoberta.

Lucy, o fóssil mais famoso do mundo, viveu há 3,2 milhões de anos e faz parte de uma espécie, o *Australopithecus afarensis*, que antecedeu um novo tipo de animal na Terra: os humanos.

Lucy caminhava. Essa mutação genética liberou as mãos dos primatas da tarefa de se apoiar no chão para se locomover e facilitou a coleta de alimentos e o deslocamento pelo rico



ecossistema da África. Com as mãos livres, as lucys de então começaram a criar ferramentas de pedra. A nova postura também reduziu o quadril das fêmeas, e o partos começaram a ser mais prematuros para permitir que os bebês passassem pelo novo e estreito canal vaginal. Essas crianças eram mais indefesas, semelhantes aos bebês que nascem nas maternidades de hoje: dependem dos pais para tudo nos primeiros anos. A novidade favoreceu quem construía laços sociais para se ajudar no cuidado da prole e buscar comida. Cérebros capazes de lidar com a circunstância complexa de 3 milhões de anos atrás (se proteger de predadores, caçar, coletar, fazer novas ferramentas e cooperar) levaram seus genes adiante. Os cérebros, não por acaso, cresceram.

Quinhentos mil anos depois, essas pressões já haviam criado um novo tipo de animal, o *Homo habilis*, a mais antiga espécie do gênero *Homo*, o nosso. Esse humano começou a ser descoberto em 1960 – mais uma vez na África. Naquele ano, o paleoantropólogo queniano Louis Leakey descobriu restos de crânio e de uma mão na Garganta de Olduvai, na Tanzânia. Eram ossos de 1,8 milhão de anos que apresentavam quatro características fundamentais: cérebro grande, dentes caninos, locomoção em duas pernas e capacidade de fabricar ferramentas de pedra lascada.

Hoje, só existe *Homo sapiens* no mundo. Mas diversas espécies de humanos surgiram e conviveram na África. Alguns hominídeos (*veja acima*) deixaram o continente por onde hoje é o Egito e seguiram caminho via Oriente Médio até a Europa e a Ásia. Lá, novas espécies de humanos surgiram, como os neandertais, na Europa.

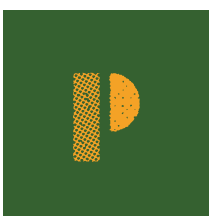
Por décadas, cientistas acreditavam que os *sapiens* teriam nascido na costa leste da África, banhada pelo Oceano Índico, principalmente na Etiópia, há 200 mil anos. Mas uma pesquisa publicada em 2017 mudou mais uma vez a nossa história. Cientistas do Instituto Max Planck, da Alemanha, e do Instituto Nacional de Ciências da Arqueologia e do Patrimônio, no Marrocos, analisaram fósseis e artefatos de pedra encontrados no sítio de Jebel Irhoud, na costa oeste do país norte-africano. Lá, a 5 mil quilômetros da Etiópia, onde a África é banhada pelo Atlântico e o Mediterrâneo, os pesquisadores encontraram provas da presença de *sapiens* há 300 mil anos. A descoberta indica que colonizamos diversos cantos da África antes de perambular pelo planeta. Além disso, os achados mostram que temos 100 mil anos a mais do que o estimado até então. A colonização até o Marrocos teria ocorrido porque a região era mais úmida (e menos desértica) do que hoje – mais uma prova de que a África foi um berço generoso.

Há 70 mil anos, os *sapiens* começaram a desenvolver cultura e linguagem sofisticada. Nós convivíamos com pelo menos cinco outras espécies de humanos (*veja na pág.8*), mas a capacidade de imaginação dos *sapiens* fez com que nossas tribos sobrevivessem aos milênios, enquanto nossos parentes neandertais e *erectus* sucumbiram (ou foram eliminados pelo *sapiens*). Cinquenta mil anos mais tarde, já havíamos dominado a agricultura e criado civilizações. Algumas delas, na própria África.

Os reinos ancestrais

Do Antigo Egito ao Império Etíope, que só acabou em 1974, as dinastias africanas marcaram a história do mundo.

texto **Maurício Brum**



Para muitos de seus seguidores, era uma questão de fé: o imperador da Etiópia não poderia morrer. Não tinha como. Afinal, de acordo com certas interpretações cristãs, Hailé Selassié era muito mais do que um homem de carne e osso que assumiu o poder em 1930, na suntuosa corte em Adis Abeba, a capital do país. Muito além do poder político absoluto que detinha, ele também era uma figura divina e mística. Havia, inclusive, quem defendesse que se tratava da própria encarnação de Deus. Assim, para os mais devotos, Selassié podia também ser chamado de Javé – ou, na terminologia difundida por aquela nova religião, de Jah.

Na primeira metade do século 20, descendentes de africanos que haviam sido escravizados na Jamaica começaram a construir uma nova corrente religiosa. Ela se baseava em interpretações peculiares dos textos bíblicos e em uma visão de mundo que traçava as origens de tudo ao mais longevo dos reinos então existentes no continente negro: o Império Etíope, também conhecido como Abissínia. Central para esse pensamento era o culto à figura do próprio monarca da época, Hailé Selassié, que às vezes era chamado de outra forma, como Ras Tafari Makonnen, título que ajudou a batizar o movimento rastafári.

Tudo havia começado uma década antes com uma profecia involuntária de um jamaicano chamado Marcus Garvey. Um dos nomes mais influentes de seu tempo, Garvey foi um dos grandes pensadores do movimento pan-africanista (*leia mais nas págs. 38 a 41*), e suas ideias faziam sucesso em círculos cada vez mais amplos de pessoas na ilha caribenha. Defensor dos direitos da população negra empobrecida que habitava as favelas de seu país, ele também era um ferrenho ideólogo "nacionalista", mas seu amor à terra nativa era de uma vertente diferente do usual: sua verdadeira pátria não era o local onde havia nascido, mas o continente ancestral de onde seus antepassados haviam sido tirados à força, séculos antes.

Em diversos discursos e textos, Garvey

Colagem Estúdio Nono

Antigas ruínas de Cartago, na Tunísia, destruída nas Guerras Púnicas.

OS REINOS AFRICANOS

A.C. ATÉ 146 A.C.

Cartago

Colônia fenícia na região da Tunísia, obteve autonomia e se tornou uma das civilizações importantes do mundo greco-romano. Embora situada na África, sua cultura estava ligada ao Oriente Médio – os fenícios vinham do atual Líbano. Cartago controlou as rotas comerciais do Mediterrâneo e manteve longa rivalidade com Roma. Os romanos destruíram a cidade nas Guerras Púnicas e passaram a dominar seus territórios.

conclamava que os filhos e netos da escravidão nas Américas e no Caribe deveriam, agora, retornar ao local onde suas próprias histórias (e a da humanidade como um todo) tiveram início. Em 1920, ele havia anunciado, com um certo tom misterioso: "olhem para a África, onde um rei negro será coroado, anunciando que o dia da libertação estará próximo". Há quem pense que Garvey estava fazendo uma metáfora sobre o empoderamento do povo negro e o fim do colonialismo, até porque ele próprio nunca se assumiu publicamente como um seguidor do rastafári.

Mas, dez anos mais tarde, suas palavras começaram a soar como uma profecia de verdade: Ras Tafari, um negro como eles, chegou ao trono da Etiópia em abril de 1930. Não era, é claro, o primeiro imperador negro em Adis Abeba, mas era o primeiro a assumir o poder após a "profecia". A 13 mil quilômetros dali, em Kingston, muitos jamaicanos que se lembravam bem das palavras de Garvey se convenceram de que a hora havia chegado. A coroação era um sinal definitivo de que o prometido dia da libertação – da miséria, da opressão, das humilhações – estava no horizonte.

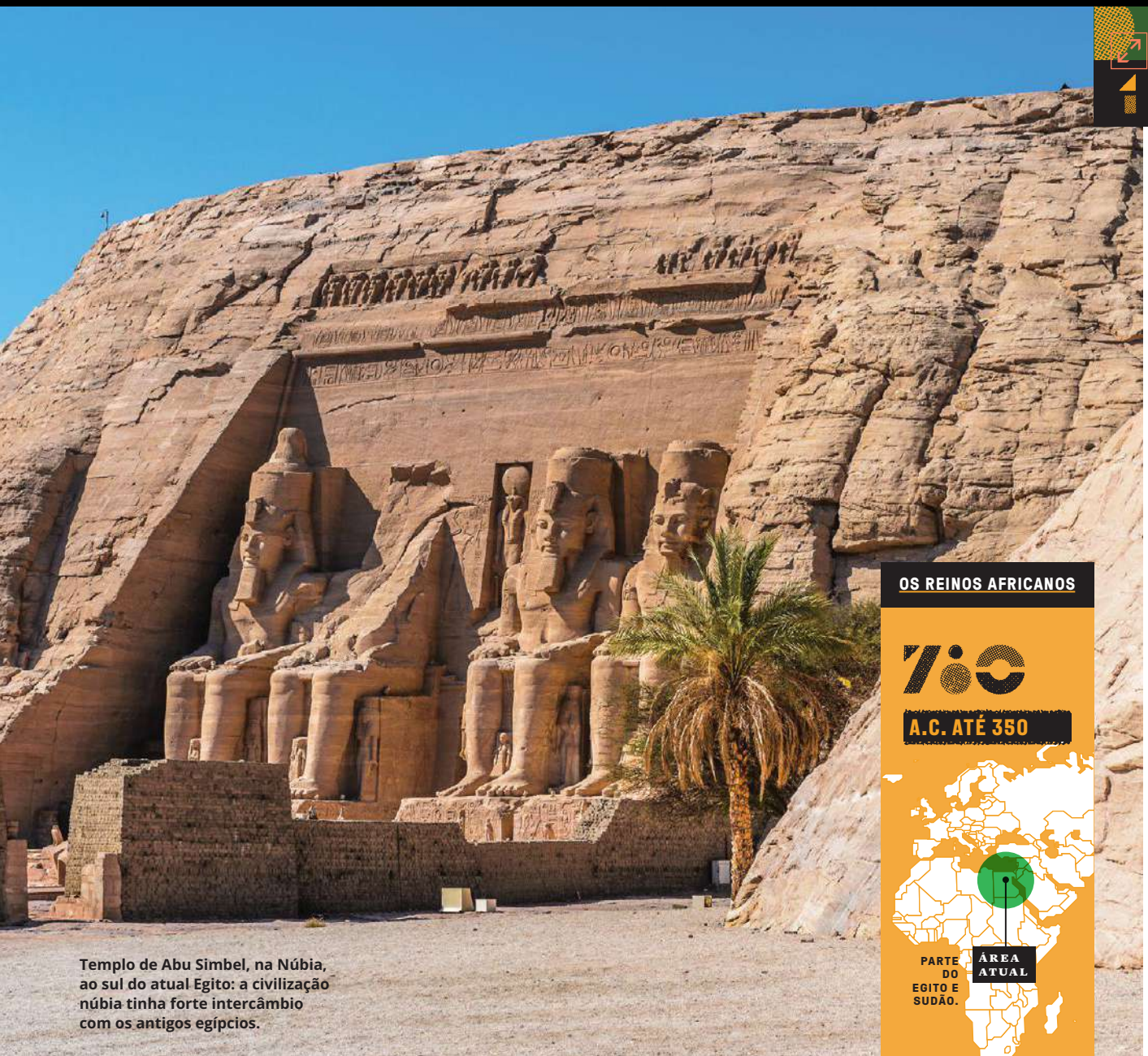
Hailé Selassié havia chegado ao trono com um título pomposo: passou a ser Sua Majestade Imperial, o Leão Conquistador da Tribo de Judá, o Rei dos Reis. Agora, talvez estivesse pronto para ser chamado também de Deus.

Dinastia bíblica

A religião rastafári buscava conectar os negros com as suas raízes, que também são as raízes da humanidade. Mas essa conexão não se restringia às tribos que se formaram no continente e partiram em caminhada por todo o planeta há 200 mil anos. Também visava reconectar os negros às civilizações africanas do passado – e o reino etíope foi um dos mais importantes e longevos.

Os devotos de Hailé Selassié viam nele um descendente direto da árvore genealógica da Bíblia: Ras Tafari seria o 225º descendente do rei Menelik 1º, o monarca que teria inaugurado a dinastia

Fotos Shutterstock



Templo de Abu Simbel, na Núbia, ao sul do atual Egito: a civilização núbia tinha forte intercâmbio com os antigos egípcios.

que – alegadamente – vinha comandando a Etiópia há mais de 3 mil anos.

Menelik 1º era tido como uma figura importante para a tradição judaico-cristã porque supostamente era o fruto de uma noite de amor entre dois dos personagens mais notáveis do Velho Testamento: ele seria o filho do Rei Salomão (que governava a região atual de Israel) e da Rainha de Sabá (cujo poder se estendia pelo sul da Península Arábica e, atravessando o Mar Vermelho, partes da Eritreia e da própria Etiópia).

De acordo com a vertente etíope do cristianismo, ainda hoje dominante no país, Menelik 1º teria viajado para Israel já adulto, a fim de conhecer pessoalmente Salomão. Na volta, regressou com uma comitiva de líderes políticos e religiosos e a Arca da Aliança – a caixa onde as tábuas originais com os dez mandamentos de Deus teriam sido guardadas. A Igreja Ortodoxa Etíope garante que a Arca ainda está sob seu poder: protegida a sete chaves em um cofre próximo à Igreja de Santa Maria de Sião, em Axum, uma cidade de 45 mil habitantes no norte do país, cujo nome remete a outro dos reinos ancestrais que ajudaram a formar o velho império. Menelik 1º teria governado por volta do século 10 antes de Cristo e, desde então, todos os reis da região seriam seus descendentes diretos, atravessando

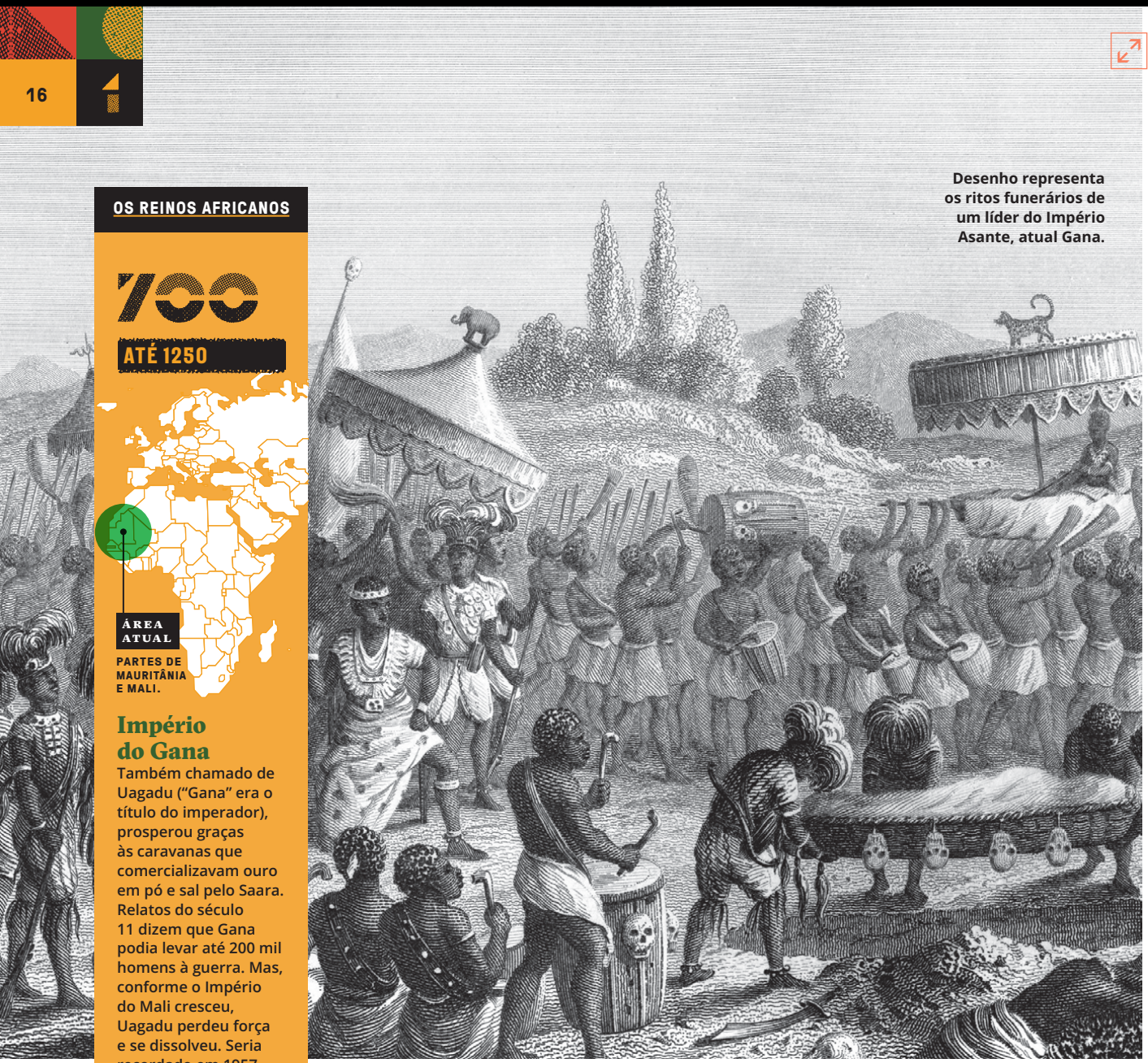
OS REINOS AFRICANOS

7ao

A.C. ATÉ 350

Núbia

Teve relação direta – por vezes conflituosa – com o Antigo Egito. O mais notável dos reinos núbios foi Kush, que existiu por mais de mil anos e chegou a conquistar o próprio Egito, formando sua 25ª dinastia, que reinou até 656 a.C. Gradativamente, Kush foi perdendo força e sofrendo com rebeliões internas, até ser definitivamente dominado por Axum, um dos predecessores do Império Etíope.



Desenho representa os ritos funerários de um líder do Império Asante, atual Gana.

OS REINOS AFRICANOS

700

ATÉ 1250

ÁREA ATUAL

PARTES DE MAURITÂNIA E MALI.

Império do Gana

Também chamado de Uagadu ("Gana" era o título do imperador), prosperou graças às caravanas que comercializavam ouro em pó e sal pelo Saara. Relatos do século 11 dizem que Gana podia levar até 200 mil homens à guerra. Mas, conforme o Império do Mali cresceu, Uagadu perdeu força e se dissolveu. Seria recordado em 1957, quando a Costa do Ouro se tornou independente e passou a se chamar República de Gana.

os séculos até chegar a Hailé Selassié. A longa tradição e autonomia do país contribuiu para que, na época da Partilha da África (*leia mais nas págs. 32 a 37*), a Etiópia fosse um dos únicos territórios – ao lado da Libéria – que os europeus não ousaram tomar para si.

Essa, pelo menos, é a versão tradicional, defendida pela Igreja local e pela antiga casa real da Etiópia. Historiadores e antropólogos, porém, chegaram a uma cronologia diferente: os primeiros registros de um reino naquela parte do mundo não coincidem com o governo de Menelik 1º, e houve tantas interrupções ao longo dos tempos que é impossível afirmar com certeza se há ligação entre a casa real que chegou ao século 20 e aquela que teria fundado o país três milênios antes.

Alguns estudiosos são mais duros: para eles, as raízes salomônicas da dinastia seriam uma invenção feita por volta do ano 1270 depois de Cristo, por um novo rei que queria se legitimar no cargo e precisava de um argumento convincente para justificar o seu poder.

Nessa guerra de versões, o que ninguém discorda é que os reinos etíopes vinham de muito longe. Os primeiros registros arqueológicos encontrados na Etiópia são do período entre os séculos 10 e 8 a.C. e remetem a um reino cujo nome era grafado simplesmente como D'mt (normalmente pronunciado "Damot"). Essa tentativa inicial de organização unificada nas terras férteis da Etiópia durou cerca de 500 anos e teria sido sucedida por uma série de reinos menores, muitos deles desconhecidos atualmente.

Por volta do ano 100 da Era Cristã, uma dessas monarquias dispersas reuniu forças para restaurar um poder central – nascia o Reino de Axum, que durou por quase um milênio. Na historiografia

Imagens Getty Images

ocidental, o Império Etíope mais moderno só apareceu para valer no século 13, mas isso nunca impediu que seus imperadores reivindicassem uma conexão profunda com tudo o que veio antes.

O mundo dos faraós

Na escola, é pouco provável que você tenha estudado a civilização etíope. Mas certamente teve aulas sobre o Egito Antigo, a civilização dos faraós que é dois milênios mais antiga que a etíope, com início por volta de 3100 a.C. Ela se converteria na mais famosa e estudada que a África já teve, e já possuía considerável poder na época em que D'mt começou a se formar. Enriquecidos e alimentados pelo Rio Nilo, os egípcios desse passado distante cruzaram os milênios conquistando terras vizinhas e sendo conquistados por outras potências regionais. Sua história e cultura se mesclaram com influências dos povos núbios, assírios e líbios, entre outros, que habitavam a parte do mundo onde o nordeste africano e o Oriente Médio se encontram.

Apesar das tensões frequentes, o Antigo Egito teve uma longevidade rara, mantendo relativa autonomia de forma quase contínua de 3100 a.C. até o ano 30 a.C., quando, logo após a morte de Cleópatra, seu território acabou absorvido como mais uma província do poderoso Império Romano. Nessa época, os egípcios já haviam se afastado de grande parte dos estereótipos normalmente associados à época de ouro dos faraós, milhares de anos antes, quando as pirâmides haviam sido construídas. A região estava bastante integrada à civilização greco-romana desde que havia sido conquistada por Alexandre, o Grande, em 332 a.C. Essa aproximação com a Europa difundiu os conhecimentos do Egito para o restante do mundo antigo – e vice-versa. Um dos legados dessa fase foi a fundação da cidade de Alexandria, em homenagem ao conquistador, que sediou uma das maiores bibliotecas da Antiguidade, posteriormente destruída em um grande incêndio.

Trinta e duas dinastias se sucederam no comando do Antigo Egito. A Grande Pirâmide de Gizé, por exemplo, uma das maravilhas do mundo antigo, foi construída durante a Quarta Dinastia, que mandou no Egito entre 2600 e 2500 a.C. Nessa época, os egípcios já dispunham de recursos capazes de torná-los a civilização mais avançada de seu tempo, com façanhas de engenharia tão surpreendentes que ainda hoje provocam teorias da conspiração e especulações sobre como, afinal, tornaram-se possíveis.

Não foram, porém, alienígenas que ajudaram a erguer as pirâmides – criadas como mausoléus gigantes para faraós descansarem pela eternidade e ostentarem o seu poder mesmo após a morte. Elas foram fruto do trabalho de dezenas de milhares de trabalhadores e voluntários, e de um intrincado sistema de rampas, canais aquáticos

OS REINOS AFRICANOS

1230

ATÉ 1670

ÁREA ATUAL

PARTES DE MAURITÂNIA, MALI, SENEGAL, GÂMBIA E GUINÉ.

Império do Mali

Se Gana cresceu pelas caravanas, Mali – inicialmente um pequeno reino à margem do Rio Níger – ganhou força quando essas rotas se deslocaram ao Sul. Seus nobres seguiam a fé islâmica e chegavam a fazer peregrinações a Meca, percorrendo 8 mil quilômetros pelo deserto. No século 16, dinastias menores começaram a acossá-lo. Implodiu em 1670, após a capital Niani ser destruída por tropas de Segu, um reino vizinho.

Guerreiro do Império de Segu, um dos vários reinos que existiram na região. do Mali.

para transportar as rochas e de uma técnica que envolvia molhar as areias do deserto para reduzir o atrito quando os grandes blocos de calcário eram arrastados. Acredita-se que até 50 mil pessoas tenham ajudado na construção da Pirâmide de Gizé, a maioria deles voluntários, atraídos pela comida oferecida a quem se envolvesse nesse gigantesco canteiro de obras da Antiguidade. De acordo com alguns registros, eles podiam receber até cerca de dez fatias de pão, um jarro de cerveja por dia e porções de carne de diferentes animais. Era uma alimentação melhor do que costumavam ter em seus humildes vilarejos no deserto.

Em 2013, arqueólogos franceses encontraram o *Diário de Merer*, considerado o papiro mais antigo sobre o cotidiano dessas construções monumentais. Merer era um inspetor de transporte, responsável por um dos barcos que levavam rochas de uma pedreira em Tora, cerca de 150 quilômetros ao norte de Gizé, até o local das obras. Segundo seus registros, a cada dez dias era possível fazer duas ou três viagens de ida e volta, dependendo do clima. Uma vez no local, calcula-se que os operários instalassem uma média de 180 rochas por hora, em uma obra que ao todo parece ter consumido entre 2 milhões e 2,8 milhões de blocos de calcário da base ao topo – os cálculos divergem porque, em função das câmaras internas, é difícil estimar o volume total de áreas "ocas" dentro da pirâmide.

Os mausoléus eram a demonstração mais ousada da sofisticação da civilização egípcia. O Antigo Egito viveu seu período de maior extensão territorial entre a 18ª e a 20ª dinastias, por volta dos anos 1550 a 1070 a.C., uma época conhecida como o Império Novo. Essa era incluiu o governo de Ramsés 2º, possivelmente o mais poderoso dos faraós. Além das colossais obras de engenharia, a civilização egípcia deixou legados duradouros na matemática, na astronomia, na agricultura, na medicina e na arte.

O Egito também mantinha um comércio sofisticado com territórios vizinhos – incluindo a região da Etiópia,

Portas do palácio de Ikere-Ekiti, na atual Nigéria, um dos reinos iorubás da região.

OS REINOS AFRICANOS

1500

ATÉ 1835

PARTES DE BENIM, NIGÉRIA E TOGO.

Império de Oyo (Iorubás)

A chamada Iorubalândia foi sede de vários reinos, incluindo Oyo, cuja poderosa cavalaria ajudava a dominar a região. Os povos iorubás se organizavam em sociedades altamente urbanizadas para os padrões do continente. Intrigas políticas e golpes enfraqueceram as monarquias da área, que passou a ser dominada por britânicos e franceses no século 19.

conhecida pela civilização dos faraós como a Terra de Punt. Por meio de grandes caravanas que desciam o deserto rumo às terras do Sul, eles traziam de volta produtos exóticos e luxuosos. Historiadores e antropólogos descobriram que os egípcios já tinham acesso, em 2500 a.C., a luxos que não eram nativos de seu próprio território – eles viriam da Etiópia. Entre os produtos adquiridos estavam peles de pantera, penas de avestruz, marfim extraído de elefantes e também mirra – uma planta espinhosa mais conhecida pelo uso de sua resina como perfume (e que, nos textos bíblicos, tornou-se célebre como um dos presentes levados pelos Reis Magos ao menino Jesus), mas que os sacerdotes do Egito também empregavam como bálsamo no processo de mumificação dos mortos.

Quando as relações da África com o mundo greco-romano se estreitaram, toda a região ao sul do Egito – incluindo a Núbia (*ver quadro pág. 15*) – acabou ganhando um nome próprio em grego. Eles passaram a chamar aquela vasta e desconhecida área de Aethiopia, o "país dos rostos queimados", uma referência à pele de quem nascia por lá, mais escura do que a dos egípcios. No contexto grego, a palavra tinha uma aplicação mais ampla: referia-se também ao atual Sudão e, de forma geral, a toda a África Subsaariana, que tinha menos contato com a Europa naquela época. Muito mais tarde, o termo seria adotado para batizar a Etiópia.

O fim dos reinos

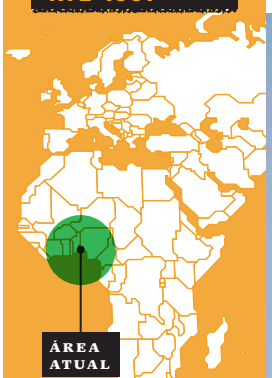
Após a queda de Roma, as terras do Egito atravessariam a Idade Média como parte de diferentes califados e sultanatos islâmicos, passando a integrar o Império Otomano em 1517. O Egito que conhecemos hoje só veio à luz muito mais tarde, em 1922, após um período de ocupação britânica. Embora os faraós sigam vivos no imaginário do restante do mundo, eles já eram parte de um passado extremamente remoto quando os europeus direcionaram recursos – e armas – para colonizar o continente no século 19. As pirâmides, por exemplo, são tão antigas que Cleópatra (morta em 30 a.C.) viveu mais perto dos nossos dias do que da época da sua construção.

Na Etiópia, nem os poderes supostamente divinos de Hailé Selassié o salvariam das crises do século 20. Após uma grande fome em seu país, o imperador seria derrubado em 1974 e morreria um ano mais tarde. Na África atual, apenas Lesoto, Marrocos e Suazilândia ainda contam com realezas reconhecidas pela comunidade internacional. Todas elas foram mantidas – sem poderes efetivos – durante a época colonial, e só voltaram a ter alguma proeminência quando seus países se tornaram independentes, em meados do século 20. Com 16 esposas e 35 filhos, o rei Mswati 3º, coroado em 1986 na Suazilândia, é o último monarca com poderes absolutos em toda a África.

OS REINOS AFRICANOS

1400

ATÉ 1591

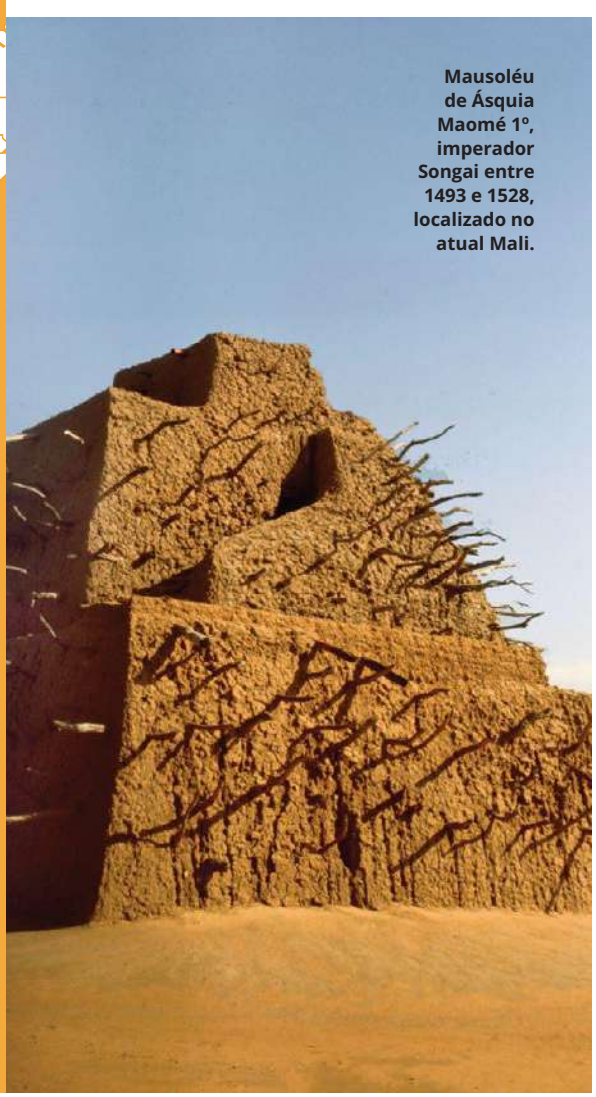


ÁREA ATUAL

PARTES DE MAURITÂNIA, MALI, SENEGAL, GÂMBIA, NÍGER, BURKINA FASO E NIGÉRIA.

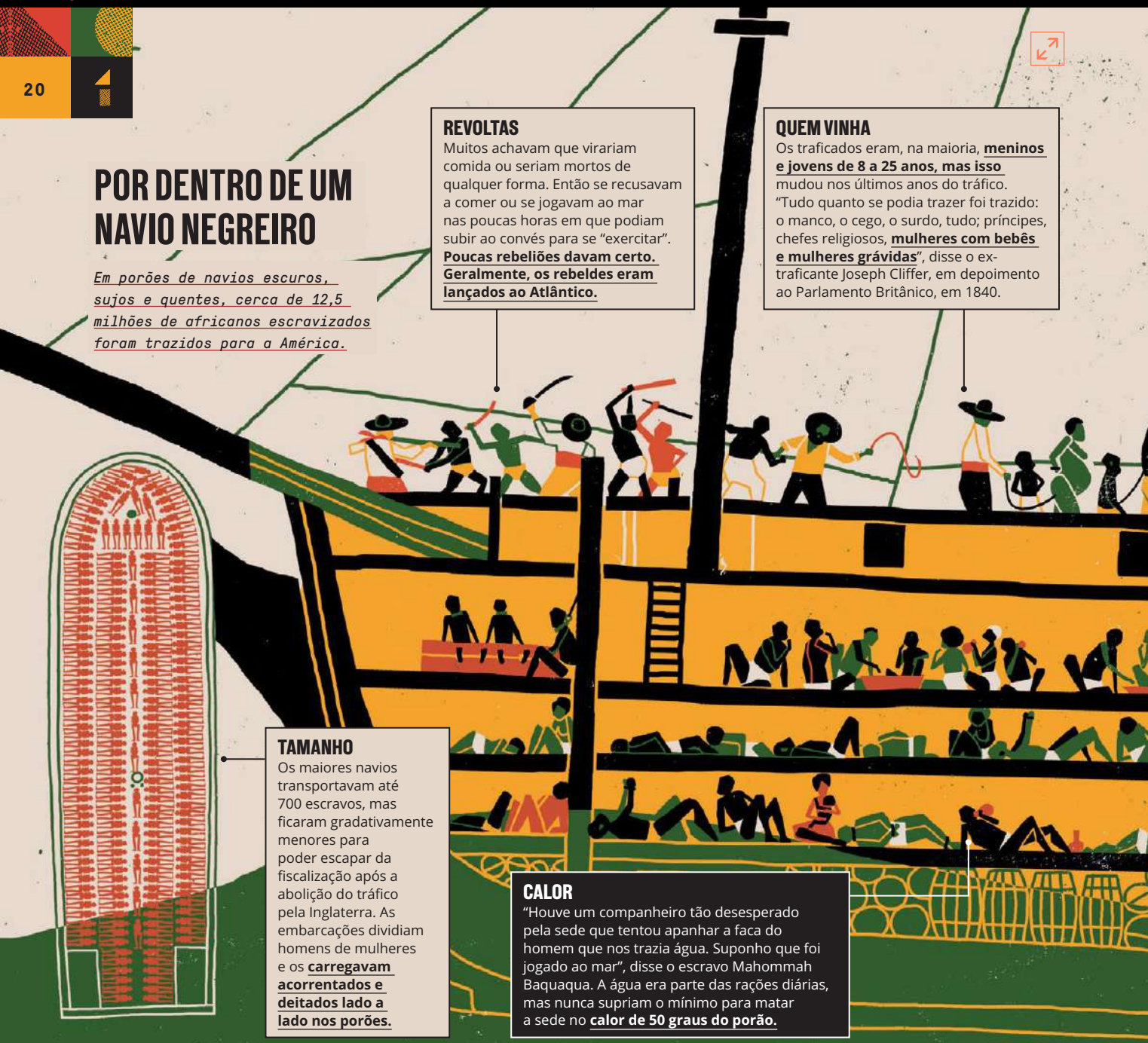
Império Songai

Foi o maior império africano de seu tempo – dominou uma área equivalente a 1,4 milhão de km² (maior que o atual Egito). O primeiro imperador, Sunni Ali, garantiu o controle sobre o Rio Níger, enfraquecendo o vizinho Mali. O rápido declínio veio quando os bisnetos de Ali iniciaram uma série de golpes nos anos 1530, mergulhando o império em guerras civis até ser engolido por reinos adjacentes.



Mausoléu de Ásquia Maomé 1º, imperador Songai entre 1493 e 1528, localizado no atual Mali.

Imagens Getty Images



POR DENTRO DE UM NAVIO NEGREIRO

Em porões de navios escuros, sujos e quentes, cerca de 12,5 milhões de africanos escravizados foram trazidos para a América.

REVOLTAS
Muitos achavam que virariam comida ou seriam mortos de qualquer forma. Então se recusavam a comer ou se jogavam ao mar nas poucas horas em que podiam subir ao convés para se "exercitar". **Poucas rebeliões davam certo. Geralmente, os rebeldes eram lançados ao Atlântico.**

QUEM VINHA
Os traficados eram, na maioria, **meninos e jovens de 8 a 25 anos, mas isso** mudou nos últimos anos do tráfico. "Tudo quanto se podia trazer foi trazido: o manco, o cego, o surdo, tudo; príncipes, chefes religiosos, **mulheres com bebês e mulheres grávidas**", disse o ex-traficante Joseph Cliffer, em depoimento ao Parlamento Britânico, em 1840.

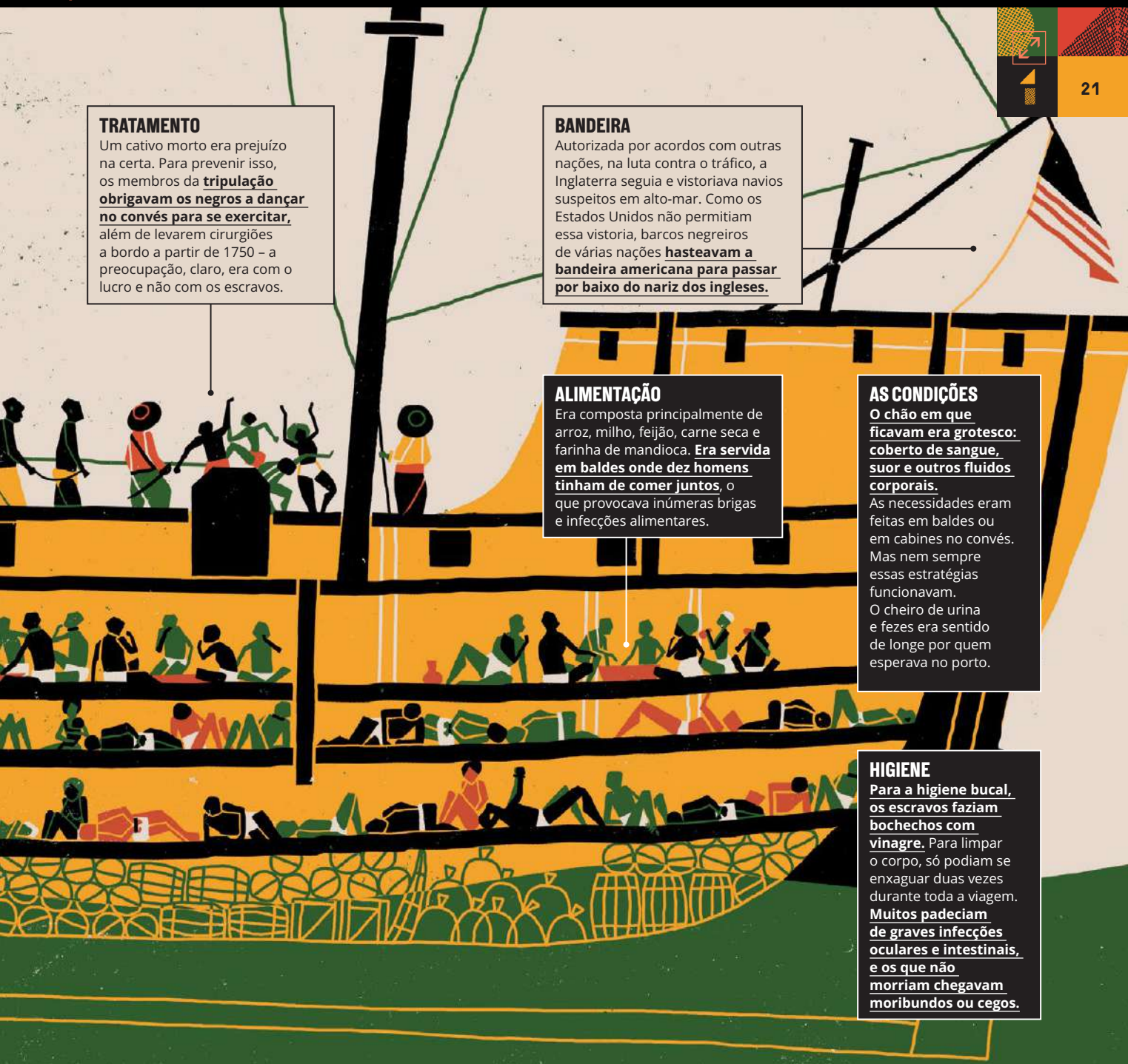
TAMANHO
Os maiores navios transportavam até 700 escravos, mas ficaram gradativamente menores para poder escapar da fiscalização após a abolição do tráfico pela Inglaterra. As embarcações dividiam homens de mulheres e os **carregavam acorrentados e deitados lado a lado nos porões.**

CALOR
"Houve um companheiro tão desesperado pela sede que tentou apanhar a faca do homem que nos trazia água. Suponho que foi jogado ao mar", disse o escravo Mahommah Baquaqua. A água era parte das rações diárias, mas nunca supriam o mínimo para matar a sede no **calor de 50 graus do porão.**

A Era da Escravidão

Confinados nos porões dos navios negreiros, milhões de africanos cruzaram o Oceano Atlântico para trabalhar em plantações no continente americano, onde os maus-tratos continuaram até o século passado.

texto **André Schröder** ilustração **André Ducci**



TRATAMENTO
Um cativo morto era prejuízo na certa. Para prevenir isso, os membros da **tripulação obrigavam os negros a dançar no convés para se exercitar,** além de levarem cirurgiões a bordo a partir de 1750 – a preocupação, claro, era com o lucro e não com os escravos.

BANDEIRA
Autorizada por acordos com outras nações, na luta contra o tráfico, a Inglaterra seguia e vistoriava navios suspeitos em alto-mar. Como os Estados Unidos não permitiam essa vistoria, barcos negreiros de várias nações **hasteavam a bandeira americana para passar por baixo do nariz dos ingleses.**

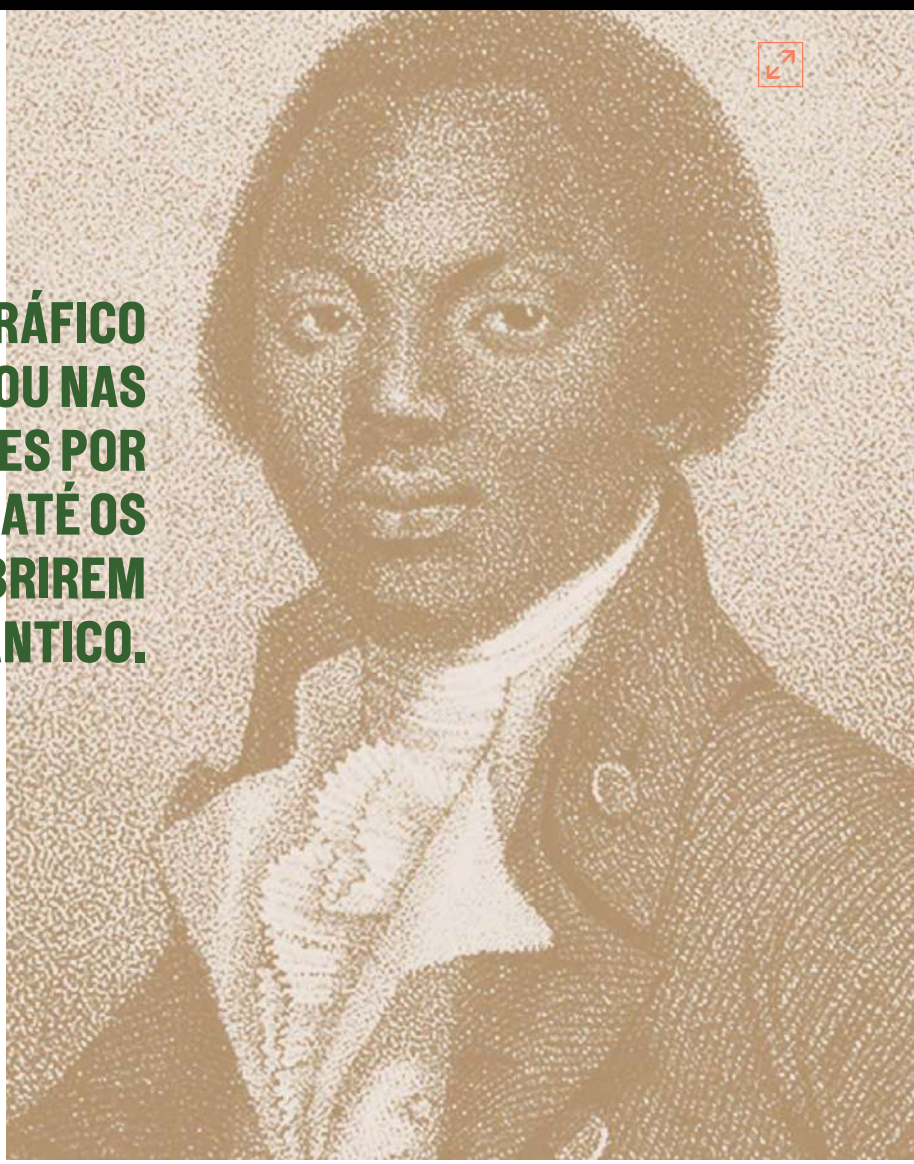
ALIMENTAÇÃO
Era composta principalmente de arroz, milho, feijão, carne seca e farinha de mandioca. **Era servida em baldes onde dez homens tinham de comer juntos**, o que provocava inúmeras brigas e infecções alimentares.

AS CONDIÇÕES
O chão em que ficavam era grotesco: coberto de sangue, suor e outros fluidos corporais. As necessidades eram feitas em baldes ou em cabines no convés. Mas nem sempre essas estratégias funcionavam. O cheiro de urina e fezes era sentido de longe por quem esperava no porto.

HIGIENE
Para a higiene bucal, os escravos faziam bochechos com vinagre. Para limpar o corpo, só podiam se enxaguar duas vezes durante toda a viagem. **Muitos padeciam de graves infecções oculares e intestinais, e os que não morriam chegavam moribundos ou cegos.**

Na primeira vez que viu o mar, Olaudah Equiano também avistou um navio negreiro ancorado à sua espera, na costa da Guiné, área ocidental da África. Nascido em 1745, em Eboe, no atual território da Nigéria, Olaudah tinha 11 anos quando foi raptado de casa para ser vendido como escravo. Não era o único: entre 1501 e 1870, mais de 12,5 milhões de pessoas foram arrancadas do continente africano para trabalhar forçadamente no outro lado do Oceano Atlântico. O comércio de escravos negros já existia muito antes dos europeus pisarem na América, mas foi a descoberta de novas terras que alçou o tráfico negreiro a um patamar inimaginável e transformou a África (e o mundo) para sempre.

Uma vez rendidos, homens, mulheres e crianças eram levados em marcha forçada até o litoral, onde eram embarcados nos navios negreiros. Equiano cruzou o Atlântico junto a negros originários de diferentes povos, amontoados e acorrentados no interior da embarcação. Temeu a figura do homem branco, que até então nem conhecia, sobretudo depois de ter sido açoitado por não comer, e viu companheiros serem castigados e mortos por traficantes. Muitos deles tentaram pular no mar em busca de alívio com a própria morte. No século 16, a travessia podia levar meses, a depender das condições climáticas, mas, na metade do século seguinte, quando Olaudah esteve



O CONTROLE DO TRÁFICO PELO DESERTO FICOU NAS MÃOS DOS ÁRABES POR OITO SÉCULOS, ATÉ OS PORTUGUESES ABRIREM A ROTA DO ATLÂNTICO.

Raptado aos 11 anos, Olaudah Equiano ganhou o nome de Gustavus Vassa ao ser comprado por um oficial inglês.

a bordo, a viagem durava entre 30 e 50 dias. Era comum que crianças viajassem no convés, um "benefício" concedido a Olaudah, que assim escapou das agruras dos porões.

Dos 12,5 milhões de negros embarcados na África, 20% não chegaram vivos ao destino, vítimas de disenteria, escorbuto, varíola, sífilis e sarampo, ou da brutalidade dos comandantes. Muitas vezes, os corpos dos mortos jaziam por dias junto dos vivos até serem lançados ao mar. Devido a graves infecções oculares, era comum o desembarque de escravos cegos.

Em terra firme, a situação do escravo não era muito melhor: a "vida útil" média de um africano nas plantações não passava de cinco anos e, aos 30 anos de idade, a maioria estava fisicamente arruinada.

A trajetória de Olaudah Equiano – o sequestro, a travessia transatlântica até Barbados e a longa década de escravidão encerrada com a compra da própria liberdade – está contada na autobiografia *The Interesting Narrative of the Life of Olaudah Equiano, or Gustavus Vassa, The African* (sem tradução para o português). Publicado em 1789, como parte do esforço abolicionista na Inglaterra, o livro retrata alguns dos horrores vividos pelos negros durante o auge da escravatura nas colônias americanas. Hoje, há até um esforço entre especialistas para usar o termo "escravizados" em vez de escravos, deixando claro que a escravidão foi uma condição imposta e não algo natural.

Desde a Antiguidade, vários reinos africanos contavam com escravos, principalmente prisioneiros de guerras, mas também subjugados por dívidas, condenados por crimes ou miseráveis. A dimensão da escravidão nessas sociedades, entretanto, era limitada. Foram os árabes, durante a expansão pelo norte da África, a partir do século 7, que estimularam o tráfico de negros, com a abertura de rotas pelo Deserto do Saara, Mar Vermelho e Oceano Índico. No início, o interesse era por mulheres destinadas ao concubinato, mas logo o negócio esquentou em busca de homens para compor exércitos e trabalhar em lavouras e palácios do imenso império muçulmano. O controle desse comércio ficou nas mãos árabes por 800 anos, período no qual escravos africanos foram vendidos em diversas partes do mundo, inclusive na Europa.

Em 1433, graças a evoluções nas técnicas de navegação, os portugueses contornaram o Cabo Bojador, na costa do Saara, e avançaram pelo litoral africano até cidades ao Sul, abrindo uma nova rota comercial, paralela aos caminhos terrestres dominados pelos árabes. Diante da decepção com a falta de ouro no local, os portugueses voltaram as atenções para o tráfico de humanos para servirem de mão de obra nas plantações de cana. Nas décadas anteriores ao descobrimento da América, o país já praticava um comércio regular de troca de bens por escravos, tendo obtido inclusive o monopólio do negócio pelo Atlântico. Pela via portuguesa, o tráfico negreiro ganhou escala.

O súbito aumento de escravos em Portugal – em 1455, 10% da população de

Fontes Uma História de Suas Transformações, Paul Lovejoy; História da África e dos africanos, Paulo Fagundes Visentini; A manilha e o libambo. A escravidão na África de 1500 a 1700, Alberto da Costa e Silva; El colonialismo en la crisis del XIX español. Esclavitud y trabajo libre en Cuba, Roberto Mesa.

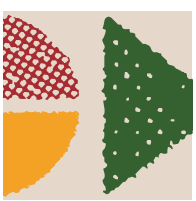
Lisboa era negra – provocou questionamentos sobre as práticas escravagistas, cruéis e distantes dos valores cristãos. Séculos antes, os árabes tinham lidado com o mesmo tipo de reprovação, um dilema superado com a elaboração de uma pseudoideologia de cunho religioso sobre a suposta inferioridade dos negros. Na Europa, coube aos papas da época a absurda tarefa de "tentar justificar a escravidão dos africanos. Em uma das bulas sobre o assunto, Nicolau 5º deu ao rei de Portugal permissão para invadir, buscar, capturar e subjugar os pagãos da África. Na visão dos pontífices, a escravização era justa perante Deus, porque preservava a vida dos escravos em um contexto de conflitos violentos. A autorização, na verdade, tinha o propósito de fortalecer o cristianismo diante do avanço muçulmano.

Em paralelo aos textos papais, corriam ainda teses fundamentadas em interpretações desvairadas de passagens bíblicas que tratam de uma suposta "maldição divina" dos africanos, ora apontados como descendentes de Caim, o assassino do próprio irmão, ora derivados de Cam, o filho amaldiçoado de Noé, que serviam a uma extensa gama de teorias racistas.

Mas a história da escravidão ganha seu capítulo mais dramático com a chegada dos europeus à América, em 1492, quando tem início o transporte maciço de africanos para o outro lado do Atlântico. A necessidade de mão de obra barata nas plantações aqueceu o comércio nos novos territórios. Com os altos preços, reinos da África adotaram o fornecimento de humanos como principal atividade econômica. Em troca, os chefes locais recebiam produtos variados, como tecidos, aguardente e tabaco. Outro bem valioso eram as armas, indispensáveis nas guerras travadas com objetivo de escravizar conterrâneos. Os conflitos abalaram as estruturas sociais do continente, que passou a conviver com a brutalidade desenfreada.

Brasil, maior porto de desembarque

A história oficial da escravidão nas Américas começa em 1502, quando uma frota de 30 navios liderada pelo espanhol Nicolas de Ovando chegou à Hispaniola, ilha que hoje abriga Haiti e República Dominicana, com 2.500 colonos dispostos a viver nas novas terras. Designado governador, Ovando organizou a indústria de cana-de-açúcar local e, diante do fracasso em contar com mão de obra indígena, solicitou aos reis da Espanha o início do tráfico. Não há documentos precisos sobre a chegada dos primeiros escravizados ao Brasil, mas os desembarques oficiais tiveram início na década de 1530, também destinados à indústria da cana, que começava a despontar em algumas capitanias. Em 1583, o Brasil contava 14 mil escravos, um número que subiria constantemente até o auge do tráfico no País, entre 1800 e 1850, período em que 2,3 milhões de negros aportaram aqui.



O Brasil foi o país que mais recebeu escravos nas Américas. Quatro em cada dez negros que cruzaram o Atlântico até a segunda metade do século 19 tiveram como destino nosso país – um total de 4,8 milhões de africanos. As áreas fornecedoras mudaram ao longo dos tempos, mas a maior parte dos negros desembarcados por aqui eram de Angola e do Congo, seguidos dos escravizados em Moçambique e na região do Golfo de Benim, entre Gana e Nigéria. O controle do tráfico, que nos primeiros tempos era português, também trocou de mãos e foi exercido por holandeses, franceses e depois britânicos. Na metade do século 18, época em que Olaudah Equiano conheceu o navio negreiro, a maior parte dos escravos tinha como destino as colônias britânicas. Na autobiografia, o ex-escravo conta que, ao chegar a Barbados, foi comprado por um oficial inglês e virou marinheiro. Foi nesse período que recebeu o apelido jocoso de Gustavus Vassa, nome de um rei sueco. Equiano ainda foi vendido mais duas vezes antes de comprar sua liberdade, em 1766, aos 21 anos. Livre, trabalhou como barbeiro em Londres, mas logo voltou ao mar como marujo contratado. Sua vida, porém, não se tornou menos dura, por causa dos preconceitos ainda hoje enfrentados por negros.

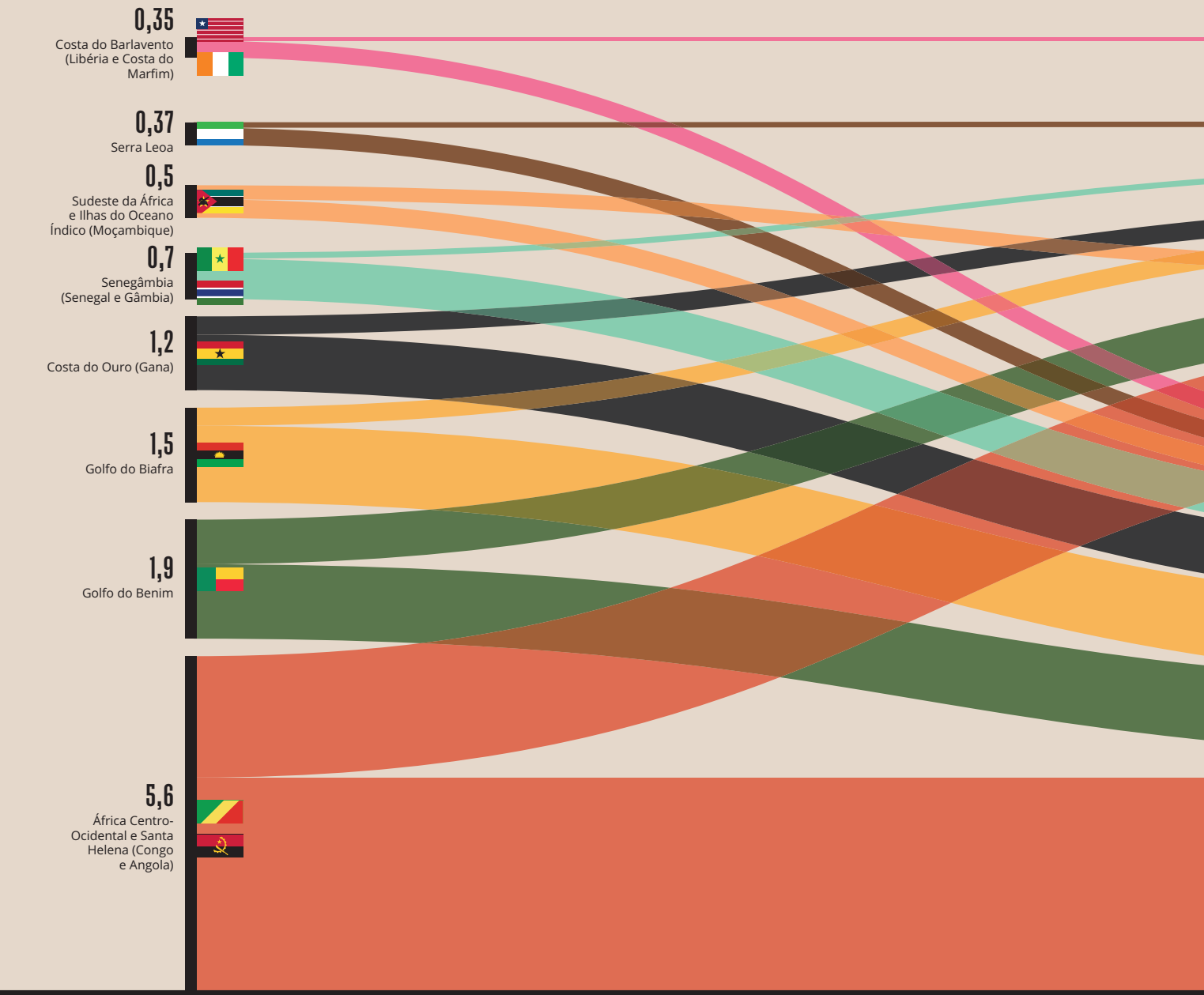
Quando a autobiografia de Equiano foi lançada, em 1789, a causa abolicionista estava em alta. Protestantes ofereciam argumentos religiosos, enquanto intelectuais do Iluminismo apresentavam razões humanistas. Havia também uma ideia de que as transformações causadas pela Revolução Industrial tornavam a escravidão um obstáculo para a formação de mercados consumidores. Enquanto o debate nos círculos brancos avançava, negros nas colônias lutavam pela liberdade. Uma das revoltas foi o Quilombo dos Palmares, reduto de escravos fugitivos no interior de Alagoas e Pernambuco, que resistiu por quase um século até ser arrasado por tropas oficiais, em 1694. Outro caso foi a Revolta dos Malês, um levante de negros muçulmanos, oriundos especialmente do Sudão via Benim, que movimentou as ruas de Salvador em 1835. Em comparação com os demais escravos que chegaram aqui, os malês eram mais instruídos, muitas vezes alfabetizados em árabe, e carregavam um espírito rebelde. É considerada a mais importante revolta urbana de negros pela liberdade no Brasil. Mas o maior triunfo pela liberdade foi a Revolução Haitiana, iniciada em 1791 e que só terminou em 1804, com o fim da escravidão e a independência do Haiti do domínio francês.

A derrocada do tráfico negreiro começou em 1807, quando a Inglaterra aboliu o tráfico pelo Atlântico, medida seguida por França, Holanda e Espanha e depois pelos países latinos. O Brasil foi o último país das Américas a abolir a escravidão, em 13 de maio de 1888, com a assinatura da Lei Áurea, quando a pressão internacional já era insustentável.

Fontes Historia del tráfico de seres humanos de 1440 a 1870, Hugh Thomas; Los comienzos de la esclavitud en América, Conrado Habler / Antonio María Fabié; O Navio Negreiro, Marcus Rediker; A Escravidão no Brasil, Jaime Pinsky; Escravos e Traficantes no Império Português, Arlindo Manuel Caldeira.

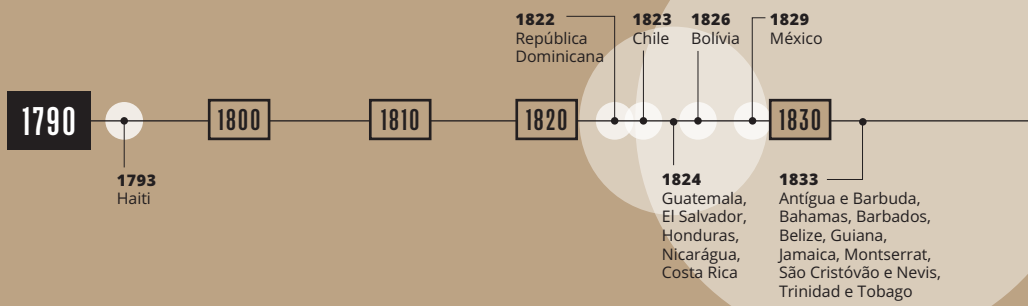
RADIOGRAFIA DO TRÁFICO

Veja abaixo as principais rotas do tráfico transatlântico entre 1501 e 1866 e o destino da maioria dos escravizados (em milhões).

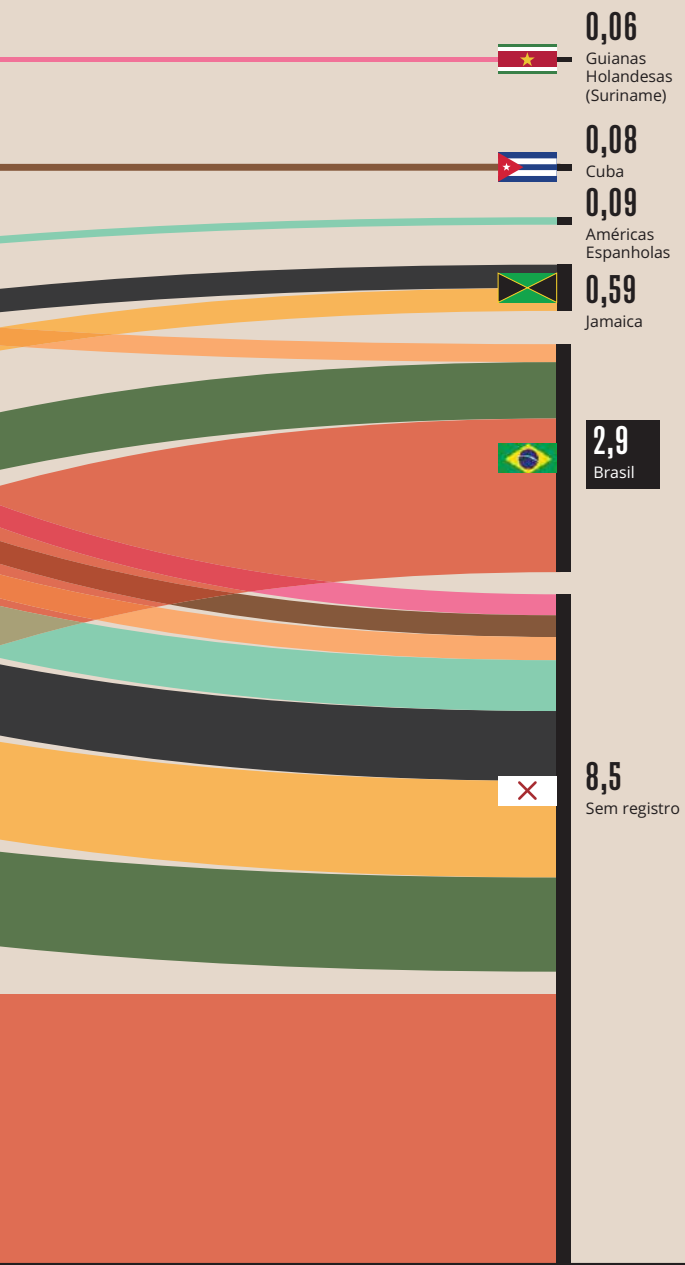


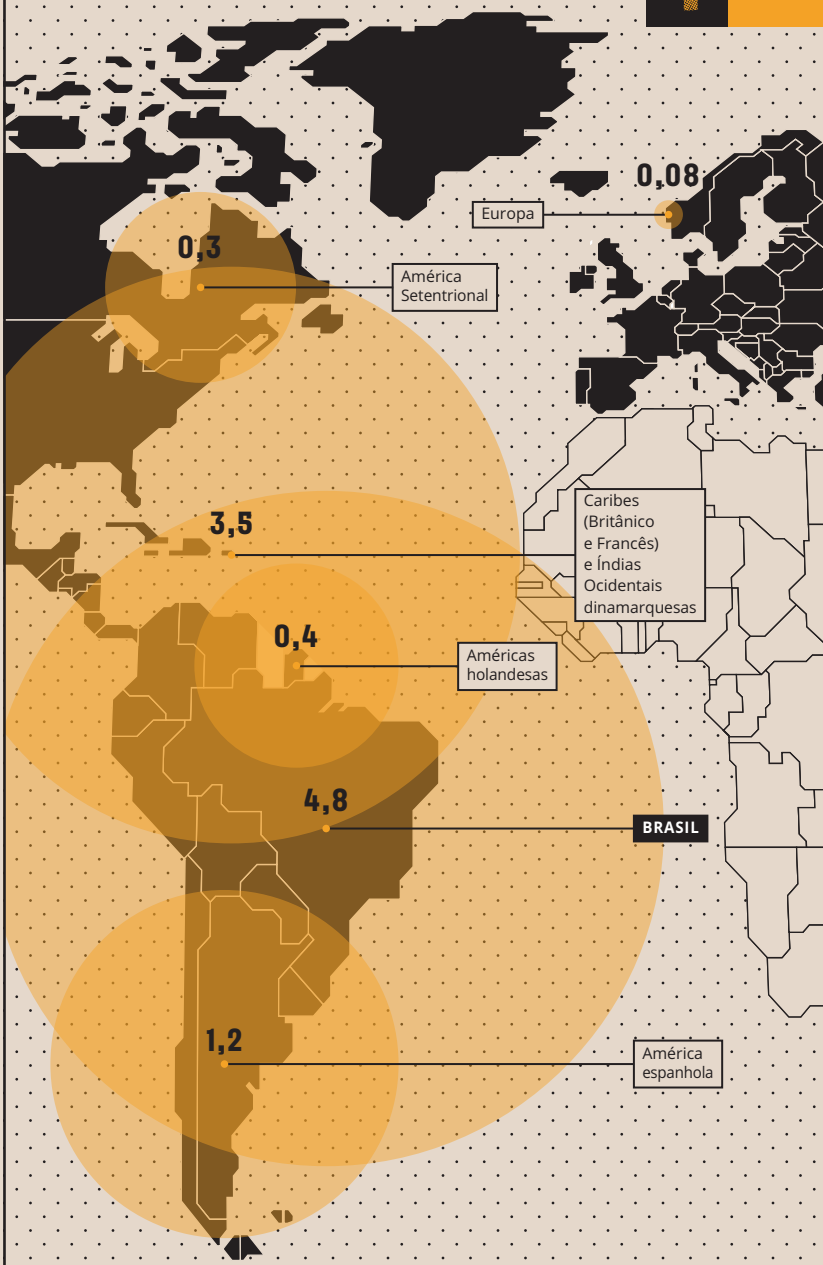
ABOLIÇÃO NAS AMÉRICAS

O Haiti tomou a dianteira dos movimentos pela liberdade, seguido pela Inglaterra. O Brasil seria o último a libertar escravizados.



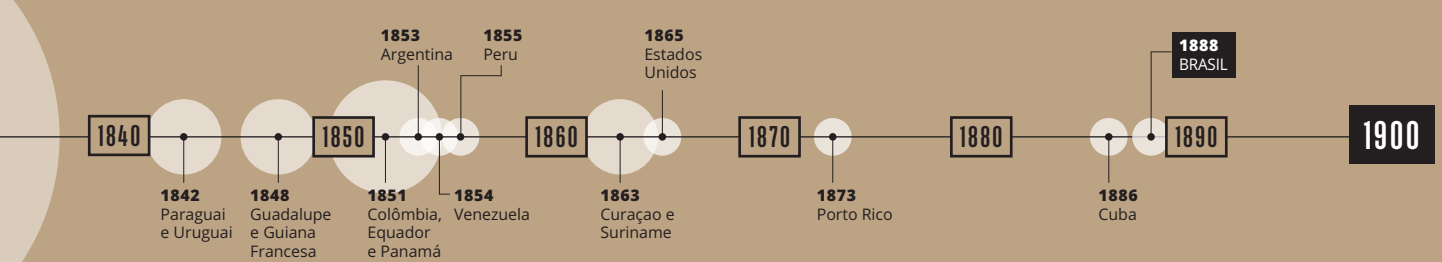
Fonte Slave Trade Database, da Universidade de Emory, EUA.





BRASIL NA LIDERANÇA

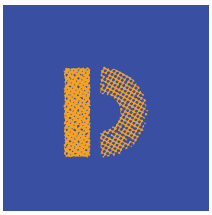
Em números absolutos, recebemos cinco vezes mais escravizados do que as colônias espanholas.



Primeiro a chegar, último a sair

Durante mais de 500 anos, a presença de Portugal moldou a história do continente africano.

texto **Igor Natusch** ilustração **Rodrigo Bastos Didier**



Dizer que a presença de Portugal na África foi duradoura é um eufemismo. No longo processo de exploração das riquezas do continente pelos europeus, os lusitanos não apenas abriram a porta, na primeira metade do século 15, durante as Grandes Navegações, como a mantiveram escancarada pelo máximo de tempo possível – e só foram fechá-la nos anos 1970, muito depois dos demais países do Velho Continente. Uma trajetória que teve efeitos profundos sobre a África, dilapidando recursos naturais e espalhando filhos e filhas do continente pelo mundo, dentro de navios superlotados de escravos.

Desde o Império Romano, os europeus tinham contato direto com o norte africano, algo que ia muito além do domínio sobre o Egito e dos flertes com Cleópatra. A expansão islâmica a partir do século 7, porém, praticamente cortou o contato europeu com o norte da África e com as rotas trans-saarianas, que conduzem à região ao sul do deserto do Saara. Na Península Ibérica, a reação dos cristãos europeus à presença dos mouros, oriundos de onde hoje ficam Marrocos e Argélia, só foi ganhar força a partir do século 11 – conduzida primeiro pelo reino de Castela, hoje território espanhol, depois pela coroa portuguesa.

Ou seja, se você não tivesse um acordo com os muçulmanos, precisava partir para a briga para entrar na África – ou achar um jeito de dar um drible neles. E Portugal fez, basicamente, as duas coisas. Com a conquista de Ceuta, ocorrida em 1415 sob comando do rei João 1º, o reino português estabeleceu sua primeira posse em solo africano e passou a ter relativo controle sobre o Estreito de Gibraltar, o canal que separa Espanha e o norte da África (hoje, Marrocos), na entrada do Mar Mediterrâneo. Além de fortalecer sua posição no litoral marroquino, isso tornou real o sonho de explorar o sul do Atlântico – uma vantagem importante para Portugal no cenário comercial da época.

A ideia de contornar a África para chegar à Ásia não era exatamente inédita. O grego Heródoto, considerado o pai da história, relata que teriam sido navegadores fenícios os primeiros a fazer a viagem, a partir de 600 a.C. A estratégia portuguesa, porém, tinha uma outra lógica, estritamente de negócios. Embora mais penosa, a trilha pela costa africana era o trajeto possível à Coroa, já que os mercadores de Gênova e Veneza, grandes adversários comerciais, se entendiam bem demais com os islâmicos, o que fechava as rotas asiáticas aos portugueses.

Além da briga pelas Índias, a criação de entrepostos no Atlântico (as chamadas "feitorias") era a chance de passar a rasteira nos genoveses e disputar o acesso a produtos de grande valor, em especial o cobiçado ouro africano. "Era sabido que o ouro que surgia na Península Ibérica islâmica vinha do interior da África. Os portugueses tinham certeza de que havia ouro em algum lugar e queriam conquistar essas cidades", explica Valdemir Zamparoni, professor de história da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

O avanço português foi deixando rastros – muitos deles, visíveis até hoje. A exploração dos rios entre as bacias do Senegal e Níger, por exemplo, é a origem do nome Lagos, que batiza a capital da Nigéria e é referência direta à cidade homônima em solo português. Foram os lusitanos quem involuntariamente batizaram Camarões, em referência à grande quantidade de crustáceos na foz do Rio Wouri, onde chegaram em 1472. E os desembarques nos futuros territórios de Guiné-Bissau (1446) e Cabo Verde (1460) são eventos decisivos para a história dessas regiões e de todo o continente.

Em meio à busca por metais e especiarias, os escravos também faziam parte do comércio português. Ocorrida em 1441, a expedição de Nuno Tristão ao Cabo Branco, na costa da atual Mauritânia,

Colagem Estúdio Nono

não foi apenas o primeiro grande avanço rumo ao sul do continente, mas foi também a primeira remessa de escravos africanos para Portugal. No caso, um pequeno grupo de pescadores, atacados e feitos prisioneiros. Porém, embora fosse desde sempre um negócio lucrativo, a captura de escravos não era, ao menos no começo, a essência da empreitada.

A importância desse comércio mudou a partir do estabelecimento dos engenhos de açúcar na Madeira e em outras ilhas da costa atlântica – modelo que, depois, viraria uma vantajosa fonte de renda também nas Américas.

Para abastecer a demanda crescente por trabalhadores forçados, os portugueses estabeleceram acordos com líderes locais. O mais comum era que os vendidos fossem prisioneiros de batalhas contra povos rivais, embora vítimas de sequestros e criminosos da própria comunidade também virassem moeda de troca de vez em quando. O que não quer dizer, é claro, que os portugueses não tenham tentado obter escravos à força. Tentaram, e bastante. O problema é que enfrentar os povos locais não era nada fácil. Textos históricos como a *Crônica do Felicíssimo Rei Dom Manuel*, de Damião de Góis, demonstram que, desde o século 16, era comum a presença de batelões portugueses onde hoje é costa da África do Sul, tentando atacar aldeias próximas ao mar para fazer prisioneiros. Resultado: na maioria das vezes, os europeus tomaram uma surra.

Após o sucesso em cruzar o Cabo das Tormentas (hoje Cabo da Boa Esperança), no extremo sul da África, com Bartolomeu Dias, em 1488, o alcance português ganhou contornos mais definitivos, especialmente nos territórios de Angola e Moçambique.

Com o fim do tráfico de escravos na segunda metade do século 19, a lógica europeia na África mudou. Até então, as expedições dependiam do pagamento de impostos e da tolerância de líderes africanos.

A perda do Brasil, disparada pela declaração de independência de 1822, fez com que Portugal olhasse com mais atenção para as colônias africanas. Já em 1834, o político Sá da Bandeira apresentou um projeto de desenvolvimento para o continente, que previa a abolição do tráfico negreiro e o uso dos habitantes na agricultura das próprias regiões onde residiam. Mas a resistência dos mercadores de escravos demorou a ser vencida e só a partir do final do século 19 a ideia começou a prosperar.

Até aquela época, Angola e Moçambique serviam a funções distintas: a primeira fornecia escravos, enquanto a segunda era pouco mais que uma sequência de entrepostos no contato com a Índia Portuguesa. No começo do século 20, a instabilidade política e econômica em Portugal era enorme, e a ordem passou a ser incentivar a ida de portugueses à África. Mas a ideia não empolgava muito, com cerca de mil a 2 mil portugueses indo morar no continente africano por ano – quase nada comparado às dezenas de milhares que embarcavam de Portugal, na mesma época, em direção ao Brasil.

A partir do golpe que instaurou o Estado Novo em Portugal, regime autoritário que vigorou de 1933 até 1974, as subdesenvolvidas e subpovoadas colônias africanas passam a ser vistas como um complemento ao fornecimento de produtos para Portugal. Nos anos 1950, António Salazar vai na contramão das demais nações colonizadoras: enquanto Inglaterra e França planejavam sua retirada, Lisboa apresentava os territórios africanos como orgulho nacional e bancava terras, gado e sementes para quem quisesse tentar a sorte lá.

Quando estouraram as guerras de independência, havia algo em torno de 200 mil portugueses em Angola e 80 mil em Moçambique. A maioria levava uma vida confortável, enquanto os negros viviam nas periferias, deixando a "cidade do asfalto" quase toda para os brancos. Raros eram os que chegavam a estudar em escolas, que dirá subir na vida. E embora a convivência fosse bem menos tensa do que no Apartheid da África do Sul, os castigos físicos eram comuns até pelo menos o começo da década de 1970. Com a revolução de 1974, os contrários à continuidade da colonização assumiram o poder no país. A partir daí, finalmente, os portugueses começaram a deixar a África.

NOSSA ÁFRICA

Os diferentes povos africanos cujo sangue está no DNA do brasileiro.

MOÇAMBIQUE

Nhanjas

É um subgrupo dos povos de origem Bantu, que se espalham pela África sul-equatorial. Foram maciçamente trazidos ao Brasil a partir dos territórios de Moçambique e Angola. Por aqui, os bantu criaram a capoeira e influenciaram a música, com berimbaus e cuícas. Mas a principal contribuição foi linguística, uma das bases do nosso português. Se chamamos nosso irmão menor de "caçula" em vez de "benjamim", como em Portugal, é por influência deles.

Ilustração Rodrigo Bastos Didier

ANGOLA

Ovimbundos

Um dos subgrupos Bantu, foram trazidos ao Brasil a partir de Angola – eles hoje ainda se concentram somente nesta região e representam 37% da população do país. É um dos grupos étnicos mais homogêneos, vivendo até hoje em aldeias onde criam gado e cultivam plantações. Mantêm sua cultura própria (as mulheres usam roupas multicoloridas), apesar das influências externas. No século 18, constituíram reinos importantes, que intermediavam o comércio de escravos.

BENIM

Iorubás

Também chamados de nagôs, são originários da região que hoje engloba o sul da Nigéria, o Togo e o Benim, principalmente. O animismo iorubá – a visão de que animais e plantas e entidades não humanas têm essência espiritual – é um dos pilares do candomblé, baseado no culto a orixás, como Iemanjá, Xangô e Ogum. Para evitar a fúria cristã, os nagôs batizaram suas divindades com nomes de santos católicos, como São Jorge. Mais tarde, essas tradições ajudariam a moldar a umbanda brasileira.

Brasil no meio do caminho

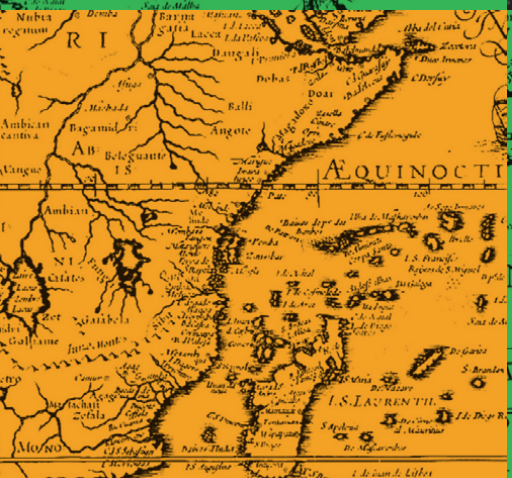
Por conta da escravidão, o território brasileiro também começou a ser povoado pelos africanos. Vindos de diferentes regiões e com vivências diversas, eles traziam consigo uma ampla gama de culturas. Os portugueses, é verdade, fizeram grande esforço para "branqueá-los", forçando a conversão ao catolicismo e a adoção de língua e nomes portugueses, além de castigar os que se recusavam a abandonar os costumes nativos. Mas os escravizados não cederam. Além da resistência física, com os quilombos, emboscadas e motins, os negros que forjaram o nosso país foram mantendo viva a memória de suas raízes.

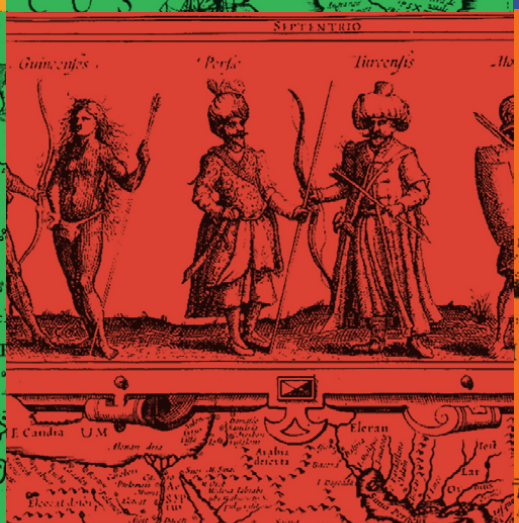
Foi nesse Brasil colonial cada vez mais impregnado pelo imaginário africano que surgiram religiões como a umbanda e o candomblé, seguidas hoje por milhões de brasileiros. Se você curte uma roda de samba, um chorinho ou mesmo uma bossa nova, é porque tradições musicais de origem africana, em especial o lundu, deram tom e ritmo ao que viria depois. Juntando dança e arte marcial, a capoeira brasileira chegou a ser perseguida pelos portugueses e hoje é patrimônio cultural da humanidade. A feijoada, o vatapá e o azeite de dendê não existiriam no Brasil. E várias palavras foram incorporadas ao nosso vocabulário, como moleque, caçula e farofa, por exemplo.

PARTE

O sonho de romper o domínio europeu encontrou entraves herdados do passado colonial. Mas a África não sucumbiu – e tornou sua luta por liberdade uma bandeira mundial.

A PARTILHA DA





Monarcas e investidores bancaram as viagens de geógrafos para o interior profundo da África no século 19. Mais do que conhecimento, buscavam calcular as riquezas do continente – para então dividi-lo entre as grandes potências da Europa.

texto **Maurício Brum**

O explorador inglês John Hanning Speke tinha 30 anos quando embarcou na grande aventura de sua vida: viajar aos confins da África para encontrar a nascente do Nilo. Havia séculos que os europeus escutavam e liam rumores sobre a existência de "grandes lagos" no interior do continente: africanos, obviamente, e árabes, que traficavam pessoas escravizadas da região, já haviam mencionado e mapeado grandes volumes de água. Mas nenhum europeu os havia visto.

Decidido a mudar isso, Speke fez as malas, juntou-se a outro explorador mais famoso, o geógrafo militar Richard Burton, e os dois iniciaram a jornada na metade de 1857, com uma comitiva de serviçais e guias experimentados na região. Por vezes a pé, em outras tantas em lombo de jumento ou remando em canoas, os britânicos partiram da região da atual Tanzânia, na costa leste, e seguiram sempre em frente, rumo ao centro da África. Eles se tornariam os primeiros europeus a alcançar o lago Tanganica, o mais extenso do mundo, mas a viagem foi tão cheia de imprevistos que os dois estavam doentes quando chegaram lá.

Burton, afetado por algo que eles desconheciam, passou dias parcialmente paralisado e precisava ser carregado em uma maca por seis escravos durante o trajeto – oito, nos trechos mais difíceis. Ele, pelo menos, podia enxergar onde haviam chegado. Speke não teve a mesma sorte. Já andava meio surdo após tentar tirar um besouro de seu ouvido com um canivete, perfurando o tímpano no processo, e quando pisou às margens do Tanganica também não estava bem em outro de seus sentidos: a visão. Com os olhos inflamados, só pôde lamentar: "o lindo lago foi visto em toda a sua glória por todo mundo, menos eu", registrou em seus diários.

O Tanganica, descobririam mais tarde, não era a verdadeira nascente do Nilo – apesar de impressionante pela sua extensão e de ser próximo ao rio, ele não tem qualquer ligação com o curso mais longo da África. Esse ponto

Imagens Wikimedia Commons

estava a Nordeste, a 450 quilômetros dali, onde Speke chegou em 30 de julho de 1858 – Burton, fraco demais, ficou acampado pelo caminho. Lá, encontrou o maior dos lagos africanos, ao qual decidiu dar o nome da então rainha de seu país: Vitória. O lago é formado por dois rios que são as verdadeiras origens do Nilo.

Speke não viveu para ter sua descoberta confirmada. Burton, que nada viu, discordou dos métodos do colega e, convertido em rival, argumentou que a expedição não era uma comprovação definitiva. Em 1864, com a Real Sociedade de Geografia da Grã-Bretanha estremecida pelas discussões entre os dois, Speke acabou dando um tiro em si mesmo durante uma viagem de caça para o interior da Inglaterra. O episódio nebuloso foi considerado um acidente pelas autoridades, mas Burton passaria anos dizendo que seu oponente havia se suicidado por temer um debate público entre os dois que estava marcado para o dia seguinte.

No fim, Speke estava certo mesmo. Quem confirmou que o Lago Vitória era o local onde o Nilo se tornava um rio foi outro explorador britânico, o jornalista galês Henry Morton Stanley, uma década mais tarde.

Stanley viria a se tornar um dos maiores nomes da era "romântica" das expedições ao coração da África. Romântica, evidentemente, aos olhos dos europeus: sob o pretexto de acumular conhecimentos geográficos sobre áreas remotas e "selvagens", o que os monarcas e investidores que mandavam homens destemidos aos confins africanos realmente queriam era ter uma noção das riquezas que os aguardavam por lá. As relações entre os dois continentes vinham de muito longe, e novos pontos do mapa passaram a entrar no imaginário europeu após as Grandes Navegações (*leia mais nas págs.26 a 29*), que contornaram a África pela primeira vez e deram início a um tráfico transatlântico de negros.

Mas esses velhos contatos eram, geralmente, litorâneos. Foi o século 19 que abriu caminho para o interior profundo: entre 1870 e o início do século seguinte, o controle direto da Europa passou de cerca de 10% do território africano para mais de 90% (*veja mapa ao lado*). Poucos entenderam esse potencial tão bem quanto o rei Leopoldo 2º, da Bélgica, que cobriu Stanley de ouro para desbravar o continente. Já famoso por suas viagens, o galês foi contratado pela Associação Internacional Africana (AIA), fundada por Leopoldo como uma organização humanitária dedicada à ciência e à filantropia no continente, dando um disfarce aceitável para as intenções menos nobres que guiavam seus trabalhos. Na prática, a AIA funcionava como uma empresa privada que transformaria grande parte da África Central, ao redor da bacia do Rio Congo, em propriedade pessoal do rei.

A conquista do Congo, uma área de difícil acesso, ainda hoje coberta por uma densa floresta tropical úmida, removeu o último grande mistério africano. E provocou uma corrida entre as potências europeias para aumentar suas zonas de influência no continente. Até mesmo o Império Alemão, um dos menos envolvidos na área, intensificou sua presença. Era uma versão colonialista de uma doutrina que já estava em prática na própria Europa: para evitar grandes guerras que arrasariam os seus países, era preciso garantir um equilíbrio de poderes. De acordo com esse pensamento geopolítico, nenhuma nação deveria controlar um território muito maior que nos demais ou possuir recursos superiores – um legado do trauma vivido pelo continente durante as conquistas de Napoleão, 70 anos antes.

Agora, para manter o delicado equilíbrio, a divisão da África deveria seguir os mesmos critérios, tentando balancear a ganância das várias partes envolvidas. O próprio Congo foi um dos centros da disputa: além da Bélgica, a região era desejada por Portugal, que alegava ter direito sobre o território por conta de velhos acordos firmados com a Espanha e a Igreja Católica, e pela França, que enviou seu próprio

DOMÍNIOS DIFÍCEIS

As fronteiras artificiais não foram aceitas pacificamente. Indo para o embate, alguns povos mantiveram certa autonomia por mais tempo.

BÔERES

Descendentes de holandeses que colonizaram o sul africano, eles viviam no Estado Livre de Orange e no Transvaal, áreas que passaram ao controle formal britânico. Os bôeres, porém, resistiram em duas guerras. O que viria a ser a atual África do Sul só se organizou em 1910, obtendo sua independência em 1931.

DERVICHES

Liderados pelo líder religioso Mohammed Hassan, os muçulmanos da Somália fizeram longa resistência armada para combater os colonizadores britânicos e seus aliados etíopes. O Estado Derviche nunca foi reconhecido, mas manteve certa autonomia até 1920, quando Hassan morreu de malária logo após uma grande derrota, e as tropas se dispersaram.

MARROCOS

Os alemães usaram o país como campo de testes para ver até onde ia sua influência na África. O Marrocos havia virado "francês", mas, na prática, seguiu autônomo. No início do século 20, o kaiser Guilherme 2º deu discursos em prol da independência marroquina, gerando duas crises que só foram resolvidas em 1912. Acabou virando um protetorado franco-espanhol até a independência em 1956.

COMO ERA

Mapa com os principais povos e reinos pouco antes da divisão feita pelos europeus na Conferência de Berlim entre 1884 e 1885. Algumas regiões do norte já eram colonizadas pelo Império Otomano, mas a maioria, autônoma.

explorador, Pierre de Brazza – a capital da atual República do Congo, Brazzaville, deve seu nome a ele, que cravou a bandeira francesa na margem norte do rio e fundou a cidade em 1880.

O rei Leopoldo 2º logo percebeu onde a coisa ia parar. Temendo que seus interesses econômicos fossem prejudicados, o monarca passou a agir nos bastidores para que os poderosos europeus chegassem a um acordo lucrativo para todos: partilhar o território e o comércio da África entre si. Finalmente, sob influência de Leopoldo e com apoio britânico e português, o chanceler alemão Otto von Bismarck convocou uma reunião em seu país para discutir os rumos do continente vizinho. A chamada Conferência de Berlim iniciou seus trabalhos em 15 de novembro de 1884 e prosseguiu por mais de cem dias, até o final de fevereiro do ano seguinte. Ali, representantes de 13 nações europeias e dos Estados Unidos, que entraram como observadores, colocaram seus interesses sobre a mesa e propuseram diferentes formas de como redesenhar a África. As explorações realizadas ao longo de décadas ajudaram cada país a entender melhor o que podia conseguir nessa barganha por terras alheias.

Os próprios africanos, é claro, não foram convidados. Embora os contornos do domínio europeu tenham mudado ao longo dos anos – a presença alemã, por exemplo, foi varrida após a derrota desse país na 1ª Guerra –, a exploração seguiu firme até meados do século 20. O próprio Leopoldo 2º garantiu a posse das terras que tanto desejava, fundando o Estado Livre do Congo, um dos regimes mais brutais do período colonial. De fato, o rei tinha mais poder na África do que em seu próprio país. Se na Bélgica ele já havia sido reduzido a uma figura decorativa em um regime parlamentarista, no Congo seu poder era irrestrito: a conferência garantiu aquelas terras como propriedade sua. Interessado na exportação do látex abundante na região, o rei controlava a população local por meio de tropas mercenárias que matavam e mutilavam quem se colocasse em seu caminho ou, simplesmente, não produzisse o suficiente – não pouparam nem as crianças.

Entre os horrores, o que se tornou mais infame foi o decepar de membros das vítimas: os asseclas do rei precisavam comprovar seus assassinatos levando de volta as mãos dos "mortos", uma maneira de mostrar que não estavam gastando a munição para caçar. Estima-se que até 15 milhões de pessoas tenham morrido naquilo que ficou conhecido como "o estupro do Congo". Muitos deles, no entanto, acabavam sobrevivendo aos ferimentos, aparecendo em fotografias que aterrorizaram a Europa e deixaram escancarada a violência da exploração colonial. A opressão foi desconcertante mesmo em um cenário em que todas as potências europeias cometiam brutalidades. Em 1908, a revolta da opinião pública convenceu o rei a vender o Congo para o governo da Bélgica por 215 milhões de francos, um valor equivalente a mais de US$ 2 bilhões atuais.

Nem sempre tão chocantes quanto o destino dos congoleses, as outras colônias africanas também sofreriam por décadas em mãos estrangeiras. As fronteiras desenhadas em Berlim colocaram dentro de territórios artificiais povos que nem sempre se entendiam, na cultura e na língua – acabando por moldar uma história de conflitos que, em alguns países, perduram ainda hoje.

Mas, em outros casos, a exploração também teria um reflexo de unidade, criando resistências em comum: para combater os invasores, pela primeira vez muitos africanos passariam a se enxergar como parte de um mesmo continente, com valores e objetivos semelhantes, e uma mesma luta a ser travada. A partir dos anos 1950, muitos movimentos pela independência dos países da África seriam construídos a partir dessa ideia, que começara a ganhar força cinco anos antes (*leia mais nas págs.48 a 51*).

QUEM SE MANTEVE INDEPENDENTE

Apenas dois países tiveram sua soberania formalmente respeitada após a Conferência de Berlim.

ETIÓPIA

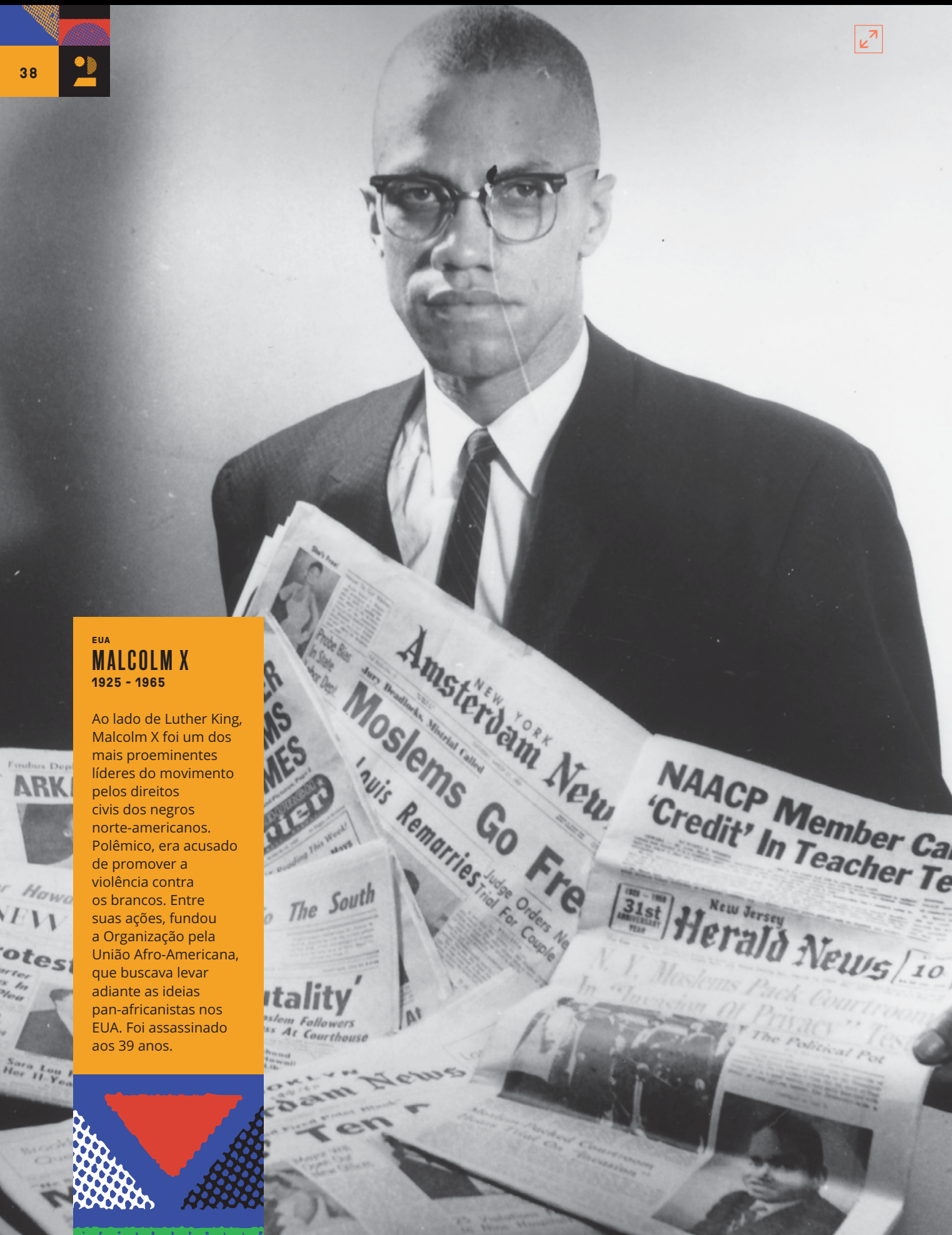
Com uma história de autodeterminação que vinha de séculos, a Etiópia conseguiu manter essa condição após a partilha do continente. Em toda a sua longa trajetória, o Império Etíope só teve a independência afetada uma vez, durante a 2ª Guerra – a Itália ocupou o país entre 1936 e 1941, mas acabou derrotada.

LIBÉRIA

Se os etíopes seguiram livres por sua antiguidade, os liberianos mantiveram a autonomia porque eram recentes. No início do século 19, norte-americanos ricos começaram a mandar negros libertos da escravidão de volta para o seu continente originário, na região da Costa da Pimenta, que logo adquiriu o nome Libéria. O país declarou sua independência em 1847, quase 40 anos de Berlim, e assim se manteve após a divisão da África.

COMO FICOU

Mapa da África após a Primeira Guerra, com fronteiras definidas entre 1884 e 1885 na Conferência de Berlim. O domínio do território ficou principalmente nas mãos francesas e britânicas.



EUA

MALCOLM X

1925 - 1965

Ao lado de Luther King, Malcolm X foi um dos mais proeminentes líderes do movimento pelos direitos civis dos negros norte-americanos. Polêmico, era acusado de promover a violência contra os brancos. Entre suas ações, fundou a Organização pela União Afro-Americana, que buscava levar adiante as ideias pan-africanistas nos EUA. Foi assassinado aos 39 anos.

África para os africanos

O movimento pan-africano ajudou a imaginar o continente como uma força em comum – e mobilizou a luta pela independência.

texto **Maurício Brum**

Em outubro de 1945, 90 representantes de diferentes partes do mundo se dirigiram a Manchester, na Inglaterra, para debater o futuro da África. Estava longe de ser a primeira vez que uma reunião na Europa discutia a vida do continente vizinho, mas, agora, os próprios africanos – ou seus descendentes nascidos em outras partes – é que tinham a palavra. Começava ali o 5º Congresso Pan-Africano.

Embora não costume ser muito recordada fora dos círculos de especialistas, essa seria uma das reuniões mais importantes do século 20, responsável por mudar (mais uma vez) os rumos de um continente inteiro. Na cinzenta cidade industrial britânica, foram definidas e fortalecidas as ideias que levariam ao fim da era colonial: nas três décadas seguintes, inflamados pelas ideias pan-africanistas, movimentos contrários ao domínio europeu lutaram e conquistaram a independência em mais de 50 países da África e também do Caribe, cuja história era profundamente marcada pela escravidão.

Quando essas lideranças negras de dentro e de fora da África se encontraram no congresso de 1945, a 2ª Guerra mal havia terminado. A Alemanha foi derrotada em abril, e o Japão finalmente se rendeu em meados de agosto, após lutar de forma incansável e ser dobrado pelas bombas atômicas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki. No front europeu, pela segunda vez em 30 anos, africanos saídos das colônias haviam sido convocados a lutar pela metrópole, em nome da nação que os dominava. E, assim como ocorrera na 1ª Guerra (1914-1918), os sobreviventes reencontraram um velho cenário após o último tiro de fuzil ser disparado: os africanos até podiam ter a mesma importância do que os brancos na hora de morrer lutando, mas, na vida cotidiana, seguiam sendo tratados como cidadãos de segunda classe.

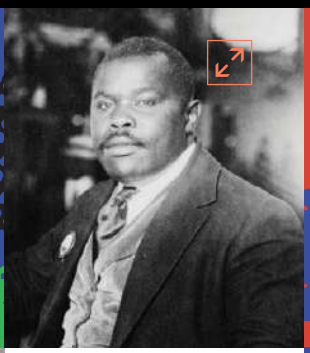
As guerras eram um duro choque de realidade para quem nascia nas colônias. Não só os jovens eram alistados para defender uma nação que muitos consideravam opressora: chegando ao Exército, também era comum que fossem considerados inferiores aos soldados brancos. Além do preconceito sentido na pele, os desentendimentos entre as potências europeias ainda deixavam legados palpáveis na rotina da África – mesmo que as brigas dos colonizadores pouco tivessem a ver com os problemas locais. Após a 1ª Guerra, por exemplo, grandes pedaços africanos que pertenciam à derrotada Alemanha passaram às mãos de países que venceram o conflito, como ocorreu com os protetorados germânicos de Camarões e do Togo, divididos entre franceses e britânicos já na metade do combate, em 1916.

Na reunião de Manchester, o objetivo era chamar a atenção para essa realidade – a África não queria mais ver, impotente, suas fronteiras e seus governos mudando pela vontade de potências distantes. Também queriam lembrar aos vencedores da guerra que, enquanto diziam lutar pela liberdade contra Hitler, eles próprios continuavam cerceando a autonomia de outros seres humanos não muito longe dali. "África para os africanos, em casa e no exterior", havia bradado o intelectual jamaicano Marcus Garvey, alguns anos antes. Agora, com o trauma da guerra ainda latente e as nações da Europa enfraquecidas e cheias de dívidas, era o momento ideal para virar a página do colonialismo e deixar que os africanos governassem a si mesmos.

Uma mesma força

Hoje, é fácil pensar na África como um conjunto de países que, por mais diferentes que sejam uns dos outros, guardam forte identificação entre si. Mas nem sempre foi assim. A ideia de nações e continentes que temos hoje é uma exportação europeia e, por muito tempo, o que prevaleceu em solo africano foram reinos relativamente autônomos, que não se viam em termos de mapas e fronteiras, mas a partir da língua, da religião ou da etnia – ora colaboravam entre si, ora guerreavam, escravizavam os rivais e até os vendiam para os europeus.

Foto Getty Images



ATIVISTAS DA LIBERDADE

As principais lideranças que ajudaram a redesenhar a história do continente africano.

O que hoje imaginamos como África começa a se formar fora dela. Primeiro, como uma visão exótica dos colonizadores sobre um continente misterioso, de interiores difíceis de explorar – eternizada em clássicos da literatura como *O Coração das Trevas*, de Joseph Conrad. Mais tarde, essa imagem passou a ser complementada pela nostalgia de africanos e descendentes levados à força para outras partes do mundo, que compartilharam sua cultura e suas memórias nas novas terras.

São os membros dessa diáspora que começam, no exterior, a se unir em torno de bandeiras em comum – inicialmente, o fim da escravidão. A partir do século 18, antigos escravos libertos que tiveram a oportunidade de estudar passam a integrar a linha de frente de movimentos intelectuais e políticos, como o *Sons of Africa* ("Filhos da África", em inglês), de Londres, que passaram a pressionar por leis abolicionistas na Inglaterra e em suas colônias das Américas e do Caribe.

Quando a abolição ganha força e as últimas alforrias são concedidas no Novo Mundo, o embate passa a ser outro: isso porque, conforme o tráfico negreiro foi sendo extinto, a Europa tratou de dividir o continente vizinho na Conferência de Berlim, inaugurando um novo modo de lucrar ainda mais com a África. Agora, os descendentes de africanos tinham um adversário ainda mais poderoso pela frente: o colonialismo em seu próprio continente.

O pan-africanismo passou a bradar pela união política e social entre aqueles que descendiam de africanos, onde quer que estivessem, buscando pôr um fim à opressão europeia.

Idealizado e difundido por intelectuais negros nas Américas, no Caribe e na própria África (*leia mais acima*), o movimento começou a ganhar seus contornos no início do século 20. As correntes pan-africanistas se dividiam quanto à maneira de lutar pela autodeterminação do continente, mas partiam sempre de um mesmo princípio – o mais importante era a identificação com as terras ancestrais.

O jamaicano Marcus Garvey, por exemplo, foi um dos mais influentes intelectuais do movimento e nunca chegou a pisar na África. Outros, como W. E. B. Du Bois, nascido nos Estados Unidos e falecido em Gana, chegaram a fazer a viagem de retorno. Independentemente da geografia, suas ideias ressoaram por décadas, inspirando desde o norte-americano Malcolm X ao "Che Guevara africano", Thomas Sankara, em lutas pelos direitos dos negros e pela independência das nações do continente.

EUA

W.E.B. DU BOIS

1868 - 1963

Primeiro negro a obter um doutorado em Harvard, Du Bois foi um dos principais intelectuais do movimento pan-africanista. Contrariando autores como Garvey, defendia a igualdade racial pela integração e não pelo "separatismo": Du Bois entendia ser possível brancos e negros se desenvolverem em um mesmo país e não em nações separadas. Em 1909, fundou a NAACP (Associação Nacional para o Progresso das Pessoas de Cor), para dar suporte jurídico a negros em processos que ajudaram a acabar com as leis segregacionistas.

TRINIDAD E TOBAGO

HENRY SYLVESTER WILLIAMS

1869 - 1911

Nascido em Trinidad e Tobago e formado nos EUA, foi na Inglaterra que fundou a Associação Africana, com o objetivo de combater o racismo e o imperialismo. Também se tornaria o primeiro negro a advogar na Colônia do Cabo, na atual África do Sul. Quase 20 anos antes do 1º Congresso Pan-Africano, organizou uma conferência sobre o tema em Londres.

JAMAICA

MARCUS GARVEY

1887 - 1940

Um dos principais pensadores do pan-africanismo, Garvey defendia um "fundamentalismo africano" – a ideia de que os descendentes da diáspora negra, filhos e netos de antigos escravizados, deveriam se unir, não importando onde vivessem, para acabar com o colonialismo europeu. Suas ideias influenciaram movimentos como o Black Power, nos EUA, e o rastafári, na Jamaica.

GANA

KWAME NKRUMAH

1909 - 1972

Prometendo melhorar as condições de vida dos mais pobres, Nkrumah foi eleito presidente de Gana em 1960, três anos após a independência do país. Suas ideias socialistas não caíram bem em parte da elite política ganesa e ele acabou deposto em 1966. Amigo de Ahmed Sékou Touré, viveu seus anos finais na Guiné, onde foi nomeado "copresidente" honorário.

GUINÉ

AHMED SÉKOU TOURÉ

1922 - 1984

Um dos líderes na conquista da independência diante da França em 1958, foi o primeiro presidente da Guiné, governando de forma ditatorial até morrer, em decorrência de um infarto. Também ajudou a financiar as guerrilhas que lutaram para encerrar o colonialismo português na vizinha Guiné-Bissau e no Cabo Verde.

BURKINA FASO

THOMAS SANKARA

1949 - 1987

Com uma plataforma anti-imperialista, o jovem guerrilheiro, conhecido como o "Che Guevara africano", liderou uma revolução popular que tomou o poder no Alto Volta em 1983, mudando o nome do país para Burkina Faso ("terra das pessoas íntegras", na língua local). Nacionalizou terras e riquezas minerais e foi rapidamente combatido pelas classes altas e médias e setores conservadores do Exército. Em 1987, foi derrubado por um contragolpe e assassinado.

Percalços

No início, os Congressos Pan-Africanos foram sempre realizados fora da África – em parte para chamar atenção dos poderes coloniais, mas também porque boa parte dos pensadores vivia fora dali. A primeira, em 1919, aconteceu em Paris. Nas seguintes, Londres, Bruxelas e Nova York se juntaram à lista de sedes. Depois da quinta e mais importante reunião, a de 1945, a sexta conferência demoraria quase 30 anos: só ocorreu em 1974.

Mas, quando o novo congresso veio, enfim aconteceu em uma república africana independente – a Tanzânia. Era um reflexo de tudo o que havia mudado desde o último encontro. Naquelas três décadas, o domínio direto da Europa foi praticamente varrido por completo da África. E não era para menos: alguns dos líderes das revoltas haviam comparecido pessoalmente aos debates de Manchester. Estiveram lá, entre outros, Kwame Nkrumah, Jomo Kenyatta e Hastings Banda – que conduziram, respectivamente, Gana, Quênia e Malauí rumo às suas independências.

A partir dos anos 1960, conforme as antigas potências coloniais foram sendo afastadas da África, muitos líderes identificados com o pan-africanismo levaram suas bandeiras um pouco além: a luta contra o imperialismo passou a se mesclar com uma derrubada do modelo capitalista. Neste momento, a União Soviética entrou em cena, financiando governos e guerrilhas pelo continente – e os Estados Unidos não ficaram atrás, também tentando manter suas zonas de influência na região. Em poucos anos, muitos heróis da independência africana acabariam se tornando conhecidos, também, como brutais ditadores aliados a algum dos lados da Guerra Fria (*veja mais sobre isso nas págs. 48 a 53*).

As ideias que levaram à independência ganham corpo na Organização pela Unidade Africana, fundada em 1963. Hoje chamada União Africana, ela segue funcionando na Etiópia para discutir e representar os interesses conjuntos do continente. Mas a utopia pan-africanista ainda tem um longo caminho para concretizar as ambições originais de uma plena autonomia da África: os europeus se retiraram oficialmente e as potências estrangeiras mudaram ao longo dos anos, mas o resto do mundo continuou com grandes interesses na região. Fosse pelas mãos dos soviéticos, norte-americanos ou, mais recentemente, dos chineses, a dependência econômica da África nunca chegou ao fim.

Fotos Wikimedia Commons

Apar theid

O RACISMO LEGALIZADO

texto **Alexandre Carvalho** ilustração **Ícaro Yuji e Evandro Bertol**

Em pleno século 20, num dos países mais ricos do continente, negros foram tratados como párias por política de Estado – mesmo sendo a maioria da população. Bem-vindo ao Apartheid na África do Sul.

Foto Getty Images

Policial sul-africano ataca manifestante contra o Apartheid durante protestos em Joanesburgo, na África do Sul.

"Qual é a utilidade de ensinar matemática a uma criança Bantu [*negra sul-africana*] se ela não tem como usá-la na prática? A educação deve treinar as pessoas de acordo com as oportunidades que elas têm na vida." A declaração foi feita, em meados dos anos 1950, pelo homem responsável por estabelecer os direitos e deveres da população negra na África do Sul da época.

Seu nome era Hendrik Verwoerd (1901 – 1966), o político que viria a ser conhecido mundialmente como o arquiteto do Apartheid – primeiro como "ministro de Assuntos Nativos", depois como primeiro-ministro. Na educação, Verwoerd criou um estatuto que impunha às crianças negras um ensino extremamente inferior ao oferecido aos filhos dos brancos (e 20 vezes mais barato). Os negros estudavam em escolas precárias, superlotadas, com professores mal preparados. Até aí, nada muito diferente do que acontece com a população negra, pobre, no Brasil – agora em pleno século 21. Mas a política segregacionista dos sul-africanos conseguia ser ainda mais cruel: enquanto crianças brancas aprendiam línguas, ciências, história e aritmética, o foco da educação para negros era o trabalho braçal. Plantio, conservação do solo, tarefas domésticas... Crianças treinadas para a servidão por política de Estado. "Os negros nunca devem ser apresentados aos pastos mais verdes da educação", afirmaria o ministro. "Eles precisam saber desde cedo que sua situação na vida é a de cortadores de lenha e carregadores de água."

A educação desigual é só um entre os muitos exemplos da política criminosa que foi o Apartheid na África do Sul. O regime impedia os negros de ascender socialmente, de votar, de escolher onde morar, no que trabalhar e de circular livremente. Uma história de preconceito, ódio e autoritarismo que revoltaria o mundo, mas que também teve heróis.

HENDRIK VERWOERD, QUE CRIOU O APARTHEID, CHAMAVA AS MEDIDAS DE POLÍTICA DE "BOA VIZINHANÇA".

Boa vizinhança

Apesar de o primeiro contato europeu na região ter acontecido em 1487, com a chegada do explorador português Bartolomeu Dias, foi só no começo do século 19 que a Cidade do Cabo, que viria a ser a capital do futuro país, se tornou colônia britânica. Enquanto ingleses se assentaram no norte e no leste do território, outras regiões eram ocupadas pelos colonos bôeres (gente de origem holandesa, francesa e alemã). Essa colonização foi expulsando, cada hora para um lado, os negros nativos da África do Sul, um movimento que se intensificou com a descoberta de diamantes, em 1867, e de ouro, em 1884. Quando os ingleses se saíram vitoriosos de guerras contra os bôeres, criaram a União Sul-Africana, em 1910, um domínio predominantemente britânico. E uma das primeiras medidas do novo país foi lançar a Lei das Terras dos Nativos, em 1913, restringindo a propriedade de terras por negros. A independência completa do Reino Unido viria em 1931: uma África do Sul livre – menos para negros, mestiços e indianos, que viviam com crescentes dificuldades impostas pelo governo. Dificuldades que se institucionalizaram em 1948, quando o Partido Nacional, de extrema-direita, chegou ao poder e estabeleceu uma política que aterrorizaria o planeta.

"A nossa política é chamada de 'Apartheid', que infelizmente tem sido mal compreendida, e poderia talvez ser melhor descrita como uma política de boa vizinhança, aceitando-se que existem diferenças entre as pessoas." Conceito curioso de "boa vizinhança", esse do Hendrik Verwoerd. Em 1950, seu Ato das Áreas de Grupo delimitou setores específicos para a moradia dos negros – quase sempre nas zonas rurais, com infraestrutura e saneamento precários. Eram os chamados "bantustões", cidades-pátrias supostamente autônomas dentro do próprio país, mas que sofriam intervenções constantes do governo quando não andavam na linha. Na prática, era um "aprimoramento" daquela lei de 1913, que já havia estabelecido que a minoria branca podia ficar com 90% da África do Sul, enquanto a maioria negra devia se espremer nos 10% restantes – as terras menos férteis. De um lado, 3 milhões de brancos; do outro, 11 milhões de negros, mais 2 milhões de indianos e mestiços.

Mas ninguém podia reclamar de inflexibilidade do governo quanto a esses locais. Quando brancos achavam que uma área pertencente aos negros tinha algum valor imobiliário, as moradias eram logo derrubadas, e os habitantes remanejados sem que pudessem opinar. Se um negro quisesse residir perto do trabalho, tinha de ser em grandes favelas, as *townships*, sem proteção do governo. Esse cidadão de segunda classe vivia num vaivém de lares.

Uma breve exceção foi Sophiatown, que ficava a oeste de Joanesburgo, onde havia um grau razoável de liberdade nos anos 1940 e 1950. Os habitantes podiam, por exemplo, ter a propriedade de suas casas. Apesar da pobreza e da superlotação, a cidade foi adotada por artistas, o que lhe rendeu fama de boêmia – lembrava uma Nova Orleans africana. Negros de outras regiões iam até Sophiatown para ouvir os músicos, como a enfermeira Miriam Makeba, que viraria cantora de sucesso internacional – e ativista contra o Apartheid. Havia clubes de jazz e muitas festas. Mas tanta alegria acabou incomodando os brancos que moravam nos subúrbios próximos, e iniciou-se um movimento para que a população – 65 mil negros – fosse mandada para longe. Então, o governo estabeleceu que os moradores iriam se mudar para um lugar distante: Soweto, cidade que ficaria famosa pela resistência antirracista. Para garantir a evacuação, 2 mil policiais chegaram três dias antes da data combinada, no meio da madrugada, pegando o povo despreparado. Arrombaram as casas e colocaram todo mundo em caminhões.

Os "vizinhos" negros também tinham sua circulação restringida. Pela Lei do Passe, os negros precisavam carregar uma identificação que apontava seu grupo racial – como os judeus na Alemanha nazista. Para circular e trabalhar como empregados de brancos, só com esse salvo-conduto em dia. E a Lei de

Nos anos 1950, placas encontradas nos arredores de Joanesburgo alertavam: "Cuidado com os nativos".

Foto Getty Images

Reservas de Amenidades Separadas, de 1953, estabeleceu os locais públicos que podiam ou não ser usados por negros. Na prática, separava de vez o cotidiano de brancos e "seus vizinhos".

Direitos trabalhistas? Os mineiros negros ganhavam cerca de 15 vezes menos do que seus pares brancos, trabalhando 15 horas a mais por semana atrás de pedras preciosas. Eram confinados em alojamentos distantes de suas áreas de moradia e não podiam receber visita da família. Em sua grande maioria, os negros eram mineiros, operários ou empregados domésticos. Faziam apenas o trabalho sujo que nenhum branco queria.

Pela igualdade – e pela cerveja

A minoria branca tinha o poder econômico e as armas da polícia. Isso explica a longevidade da submissão da maioria do povo sul-africano a um governo que só queria saber de arrasá-lo. Mas nem sempre foi de cabeça baixa. A resistência ao regime segregacionista existiu desde o começo. E nem era exclusividade dos negros: brancos progressistas e veteranos da 2ª Guerra também se opuseram ao Apartheid. Entre eles, muitas mulheres.

A professora inglesa Helen Joseph foi uma delas. Chocada com a situação das negras na África do Sul, ela criou a Federação das Mulheres Sul-Africanas, um grupo de lobby, e liderou em 1956 uma marcha de 20 mil mulheres em Pretória, contra a Lei do Passe. As manifestantes permaneceram 30 minutos em frente ao palácio do governo, cantando

ONDE BRANCOS NÃO TÊM VEZ

Outra forma de racismo legalizado existe até hoje na Libéria. Só que lá é o oposto: brancos não têm direito à cidadania. Um artigo da Constituição do país diz o seguinte: "A fim de preservar, fomentar e manter a cultura, valores e caráter positivos liberianos, apenas pessoas que são negras ou descendentes de negros devem se qualificar por nascimento ou por naturalização a ser cidadãs da Libéria".

O racismo contra brancos tem a ver com a curiosa história do país: um dos únicos (o outro é a Etiópia) a não ter colonização europeia na África, a Libéria foi fundada por ex-escravos dos EUA. No fim da escravatura, muitos achavam que negros recém-libertos deviam ter um país para eles mesmos. Foi com isso em mente que americanos ricos fundaram a Sociedade Americana de Colonização, que comprou terras na África e apoiou a administração de uma colônia de alforriados no local.

A Libéria se tornaria o primeiro país africano a se tornar independente, em 1847. A regra da cidadania só para negros seria, para muitos, uma forma de manter o país fiel a suas origens. O atual presidente, George Weah, ex-ídolo do futebol, é contra. Weah acha a lei racista.

O APARTHEID CHEGOU AO FIM EM 1994, DEPOIS DA LUTA DE ATIVISTAS COMO MANDELA, BIKO E TUTU MOBILIZAR O MUNDO INTEIRO.

"*When you strike a woman, you strike a rock. And you'll be crushed*" ("Quando você ataca uma mulher, você ataca uma rocha. E será esmagado"). Nesse mesmo ano, Helen foi presa, acusada de alta traição ao governo. Absolvida em 1961, acabou recebendo ordem de prisão domiciliar em 1962, agora pelo Ato de Sabotagem, uma forma que o Estado encontrou de impedir que ativistas se reunissem para organizar a oposição. Mas a marcha que ela organizou seria lembrada todos os anos, como o Dia da Mulher Sul-Africana.

As mulheres também estiveram à frente de outro momento emblemático da resistência ao regime, em 1959, lutando pelo direito, veja só, à produção de cerveja artesanal. Naquele ano, o governo lançou uma lei que regulamentava o consumo de álcool. Foram abertos bares só para negros onde era servida uma cerveja diferente da qual a população estava acostumada, agora com baixo teor de álcool e supostamente mais nutritiva. Com isso, a cerveja produzida em casa – majoritariamente pelas mulheres – foi proibida. As "mestres-cervejeiras" entenderam a decisão das autoridades como uma ofensa à cultura e à tradição dos negros sul-africanos. Houve revolta e destruição de um dos novos bares do governo. Resultado? Repressão, claro. Duas mulheres foram mortas pela polícia e mil foram presas.

O regime ganhou repercussão internacional no ano seguinte, quando a população negra organizou uma mobilização nacional contra a obrigatoriedade do porte de salvos-condutos. Na cidade de Sharpeville, perto de Joanesburgo, 15 mil manifestantes pacíficos cercaram uma delegacia e pediram para ser presos. A polícia recebeu os pacifistas a bala: 250 feridos, incluindo mulheres e crianças, e 70 mortos. A imagem das dezenas de caixões enfileirados revoltou o país, que foi tomado por uma onda de fúria e enfrentamentos. Salvos-condutos foram queimados, e o governo determinou toque de recolher e estado de emergência. Cerca de 20 mil pessoas foram presas. Finalmente surgiram manifestações contra o Apartheid nos Estados Unidos e na Europa. Como resposta, o Conselho de Segurança da ONU exigiu que a África do Sul parasse com a segregação. No ano seguinte, Hendrik Verwoerd declarou que seu país estava deixando a Commonwealth, a comunidade de nações que reúne 54 países - por conta da censura à sua política em relação aos negros.

Em 1961, a população negra fez uma greve nacional, e o governo achou por bem prender 10 mil africanos. Entre os organizadores, estava Nelson Mandela, já desiludido com o pacifismo da resistência. Questionado na época pela imprensa, ele disse: "É inútil e fútil ficarmos falando de paz e não violência a um governo cuja única resposta são ataques selvagens contra pessoas desarmadas". Mandela passou a defender a criação de uma ala armada do seu partido, o Congresso Nacional Africano (CNA). Em agosto de 1962, após 15 meses sendo caçado pela polícia, Nelson Mandela foi preso. A pena: prisão perpétua. Foi até uma boa notícia para sua esposa, Winnie: havia grande chance de o ativista ser condenado à morte.

A repressão levou ao endurecimento das Nações Unidas contra o regime sul-africano. Em 1963, uma resolução criou um embargo internacional à venda de armas para o país. A ONU temia que os armamentos fossem usados contra a própria população – a parte negra, claro.

Em 1973, uma onda de greves sem lideranças consolidadas irrompeu na África do Sul. Essas greves fragilizaram a política segregacionista no país, assim como a ascensão do movimento Consciência Negra, que teve entre seus líderes Steve Biko, morto em 1972, e que virou um mártir antiapartheid (e que seria tema de música de Peter Gabriel). O Consciência Negra pregava a autoestima da população reprimida, adotando o lema "Black is Beautiful", do movimento negro nos Estados Unidos. No entanto, enquanto nos EUA a ideia era reforçar

Um homem remove o grafite "Mandela livre" das paredes da Igreja de King's College, em Cambridge, Inglaterra, 1965.

Foto Getty Images

as características físicas dos negros, com cabelos black power, na África do Sul o buraco era mais embaixo. O lema ali significava que o negro deveria olhar para si mesmo como um ser humano. Parece óbvio, mas não quando o governo lhe trata a pontapés. O fato é que, a partir dos anos 1970, o regime entrou em declínio irrecuperável, questionado inclusive pela minoria branca. Em 1973, outra resolução da ONU considerou o Apartheid "crime contra a humanidade" e, em 1974, a África do Sul foi excluída da Assembleia Geral.

Com a queda mundial do preço do ouro, um dos seus principais produtos de exportação, em 1985, veio um novo tipo de crise: inflação e desemprego. Os bairros negros se tornaram cada vez mais violentos. Etnias e grupos políticos diferentes brigavam inclusive entre os próprios negros. E agora havia uma novidade constrangedora para o governo: a mídia internacional passou a cobrir a violência da repressão. Empresários do país buscaram diálogo com líderes do CNA no exílio. Afinal, a África do Sul em colapso não era boa para os negócios. Esse estado de emergência durou até 1989, quando Frederik Willem de Klerk assumiu a presidência e acelerou as medidas antiapartheid. Foi o último branco no cargo.

Isolados do mundo

A queda do regime contou com uma mobilização internacional nunca vista em relação a outros países africanos. Para se ter uma ideia do quanto a segregação repercutiu mundo afora, três ativistas sul-africanos negros ganharam o Nobel da Paz: o professor e líder religioso Albert Lutuli (1960), o bispo Desmond Tutu (1984) e Nelson Mandela (1993). Outras sanções viriam. Nos anos 1980, os EUA, o Reino Unido e mais 23 países proibiram que suas empresas fizessem comércio com fábricas e bancos sul-africanos. O boicote atingiu a cultura, o turismo e até o esporte.

No dia em que foi solto, em 1990, Mandela já era um septuagenário, após 27 longos anos de cadeia. O carro que o levava do presídio para fazer um discurso foi imobilizado, chacoalhado e golpeado por um mar de pessoas, ébrias de alegria. "Senti que a multidão estava prestes a nos matar com seu amor", diria mais tarde. Não era para menos. A libertação de Madiba, como os negros chamavam seu líder, era um sinal inequívoco de que o regime segregacionista realmente estava com os dias contados.

O fim oficial veio quatro anos depois, quando Mandela foi eleito presidente numa eleição multirracial e ordenou que reescrevessem a Constituição da África do Sul. Foi quando o preso político mais famoso do mundo cumpriu sua promessa de libertar a maioria negra da repressão de uma sequência de governos racistas.

O APARTHEID RUANDÊS

O ódio entre as etnias hutus e tutsis, em Ruanda, vem desde o século 15, quando os tutsis – cuja origem remonta às margens do Rio Nilo – invadiram a região em que os hutus estavam estabelecidos, no oeste do continente. Já chegaram submetendo os hutus à servidão e estabelecendo uma sociedade segregada, na qual os tutsis teriam "superioridade racial". Esse sistema, chamado de "ubuhake", durou até o fim dos anos 1950, e era uma espécie de Apartheid – só que de negros dominando outros negros. A rivalidade entre as etnias nunca esfriou e, em 1990, a Frente Patriótica Ruandesa, formada por tutsis exilados do país, invadiu Ruanda. Um acordo de paz viria em 1993, assim como um governo de transição, mediado pela ONU, reunindo representantes das duas etnias. Em abril de 1994, o presidente ruandês Juvénal Habyarimana, um hutu, foi morto em um atentado contra o seu avião. Era a desculpa que os hutus precisavam para executar um dos maiores genocídios da história. Sem nenhuma prova de que o ataque tivesse partido da etnia rival, um extermínio começou logo no dia seguinte ao atentado. Em cerca de três meses, mais de 800 mil tutsis estavam mortos.

GALERIA DE DITADORES

Quem foram os maiores carrascos do continente.

MOBUTU SESE SEKO

Zaire, 1965-1997

Guerras, ditaduras e fome

Entenda por que, mesmo tendo recursos naturais valiosíssimos, a África continua pobre – e a luta dos países para deixar esse passado para trás.

texto **Carol Castro**

Em janeiro de 1960, Harold Macmillan, primeiro-ministro da Inglaterra, declarou: não havia mais como evitar a independência dos países africanos. "O vento da mudança está soprando pelo continente e, quer queiramos ou não, esse crescimento da consciência nacional é um fato político", disse ao declarar a retirada de seu país do continente africano. Ele tinha razão.

Só nos três anos anteriores, oito países haviam se livrado do domínio europeu – a maioria era colônia da França. Após a onda nacionalista do pós-guerra, os africanos viviam a esperança de, enfim, traçarem sozinhos seus caminhos. Um a um, após o anúncio de Macmillan, os países anunciavam sua independência.

A economia e o momento histórico alimentaram o otimismo. Os preços de produtos exportados pelo continente, como café, cacau e minérios, andavam em alta. A maior parte das moedas africanas estava valorizada e poucas nações possuíam dívidas externas altas. E ainda havia tesouros a serem explorados – ouro, cobre, bauxita, gás, petróleo e urânio. Tudo isso em meio à Guerra Fria. "A posição que cada novo Estado independente adotasse em suas relações com o Ocidente ou com o Oriente era vista como um assunto de importância crucial", escreve Martin Meredith no livro *O Destino da África*. "A África foi considerada um prêmio valioso demais para se perder",

Foto Getty Images

Em 1960, a República Democrática do Congo conquistou a independência da Bélgica. Eram tempos de Guerra Fria, e o primeiro-ministro Patrice Lumumba, simpatizante do comunismo, chamou a União Soviética para dar jeito nos conflitos étnicos do país. Aos 29 anos, o coronel Mobutu era contrário ao comunismo e ganhou a confiança dos EUA para derrubar Lumumba. Tornou-se presidente em 1965 e, com a proposta de criar um "novo Congo", implantou um sistema político de um só partido e rebatizou as regiões do país com nomes étnicos. O Congo virou Zaire. Por um tempo, deu certo. Só que ele decidiu tomar posse das riquezas do país. Numa jogada nacionalista, apreendeu quase 2 mil empresas estrangeiras e distribuiu entre amigos e familiares. Corrupto, Mobutu retirava dos cofres a quantia que bem entendesse. Enquanto isso, faltava comida, hospitais e escolas. Decreto atrás de decreto, manteve-se no poder até 1997, quando Laurent Kabila o tirou do poder. Morreu meses depois, de câncer, no exílio em Marrocos.

diz. Com tanto interesse, levou a melhor a potência (Estados Unidos ou União Soviética) que mais ofereceu subsídios, parcerias e empréstimos.

Tanto dinheiro fez a África prosperar. "O período entre 1960 e 1970, do ponto de vista econômico, não foi um fracasso para a maior parte desses países. Investiram quantias relevantes em educação, saúde e infraestrutura", explica Muryatan Barbosa, doutor em História da África e professor de relações internacionais na Universidade Federal do ABC. "Vale lembrar que em educação, por exemplo, a África foi o continente que proporcionalmente teve os maiores investimentos do mundo nesse período", completa. O PIB da maior parte dos países africanos cresceu em média 5% ao ano.

O fim da primavera

Em meio ao entusiasmo, surgiram os problemas. A maior parte dos novos governos havia apostado na industrialização. Só que ainda não havia mão de obra qualificada e faltava infraestrutura básica para escoar a produção (14 países não tinham qualquer ligação com o litoral). Havia novos hospitais, mas ainda faltavam médicos. Para piorar, com a aposta na indústria, a África deixou a agricultura de lado. E logo começou a faltar comida.

Não foi só a escolha econômica que deixou o continente em apuros. Com a criação forçada das fronteiras (*como vimos entre as págs. 32 e 37*), uma porção de grupos étnicos se misturou em um mesmo continente. E as guerras civis para assumir o poder marcaram os anos seguintes. Para frear os conflitos e se manter no poder, os novos governos vetaram a criação de partidos e prenderam rebeldes – instalaram ditaduras. E a escolha de quais multinacionais poderiam ser instaladas lá passou a ser controlada por uma pequena e corrupta elite. Em Gana, por exemplo, todos os ministros embolsavam 10% do valor de cada contrato fechado com empresas estrangeiras. Na Nigéria, fundos públicos paravam nas contas privadas dos políticos. E, no Congo, logo após a independência, o Parlamento aumentou em cinco vezes

Foto Getty Images

OMAR BONGO

Gabão, 1966-2009

Ex-militar e ex-funcionário do Ministério das Relações Exteriores, assumiu o poder no Gabão após a morte de Leon M'ba, vítima de câncer e presidente do país até 1967. O país havia se tornado independente sete anos antes. Ainda assim, Bongo decidiu manter relações próximas com a França. Apostou no petróleo e na participação de vários grupos étnicos na política. E na corrupção e violência: dava um fim nos inimigos e oferecia vantagens às multinacionais em troca de agrados pessoais. Aproximou-se dos países árabes e, em 1973, converteu-se ao islamismo e mudou o nome para El Hadj Omar Bongo Ondimba. Nos anos 1990, sob pressão, instaurou o multipartidarismo. Mas as urnas sempre foram contestadas – Bongo convocava eleições em cima da hora e mudava as regras do jogo. Morreu de câncer em 2009. Ali Bongo, filho de Omar, ocupa a presidência desde a morte do pai.

GUERRAS, CORRUPÇÃO E AUMENTO DO PREÇO DO PETRÓLEO MINARAM A ECONOMIA DE PRATICAMENTE TODO O CONTINENTE NOS ANOS 1980.

ROBERT MUGABE

Zimbábue, 1987-2017

Lutou pela independência de Zimbábue, uma das mais tardias da África, em 1980. Foi nomeado presidente em 1987. Fraude após fraude eleitoral, conseguiu se manter no poder. Um de seus maiores legados foi uma reforma agrária frustrada. Passou a tirar terras de brancos para entregar aos negros. Mas acabou distribuindo-as a familiares e membros do seu partido. O Zimbábue deixou de ser um grande exportador de cereais, e a fome aumentou. Renunciou em 2017, quando demitiu o vice-presidente Emmerson Mnangagwa, em uma tentativa de entregar o cargo à esposa que, a seguir, assumiria a presidência. Os militares prenderam Mugabe em prisão domiciliar. Em 37 anos de poder, Mugabe deixou seus cidadãos 15% mais pobres.

JOSÉ EDUARDO DOS SANTOS

Angola, 1979-2017

Aos 16 anos, entrou para o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), que lutava pela independência de Portugal. Entre 1961 e 1970 ficou exilado em países vizinhos. Após o retorno, viu o país ganhar independência em 1975 e virou ministro das Relações Exteriores. Só chegou ao poder por acaso: com a morte do líder Agostinho Neto. Ao longo de 27 anos, o país viveu em meio a uma guerra civil entre o MPLA e outros dois grupos, que só terminaria em 2002. Nos anos 1990, abriu o país para a democracia e economia de livre mercado. Foi eleito e transformou a Angola no segundo maior exportador de petróleo do continente, mas a população vive na miséria. Santos é acusado de ter uma fortuna bilionária oculta. Aposentou-se em 2017.

o salário dos deputados.

Cabiam a essa pequena elite todos os rumos do país. Eles escolhiam quem receberia os melhores empregos, bolsas de estudos ou a localização das fábricas. Os políticos acumularam milhões com o roubo de verbas públicas. Um estudo feito em 1964 indicou que, em 14 países africanos, a importação de bebidas alcoólicas havia sido seis vezes maior do que a de fertilizantes. Perfumes e cosméticos chegavam mais do que maquinários. E o número de carros importados foi cinco vezes maior do que o de equipamentos agrícolas.

Entre guerras e corrupção, quase toda a África entrou em decadência nos anos 1980 – situação ainda pior em países aliados a potências comunistas que, àquela altura, já não investiam em lugar nenhum. O continente também sofreu com o preço do petróleo, que aumentou os custos da produção agrícola. E a comida escassa não dava mais conta de alimentar a população, que não parava de crescer – de 1960 a 1990, o número de africanos passou de 200 milhões para 450 milhões. "Durante os anos 1960 e 1970, a África foi a única região do mundo em que a produção de alimentos per capita diminuiu", conta Meredith.

Um novo colonialismo

A solução foi pegar dinheiro emprestado com o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional. No começo dos anos 1990, a dívida havia aumentado 30 vezes em apenas 30 anos. "Nenhum dos problemas da África independente foi mais determinante do que a instauração do neocolonialismo, iniciado com a crise das dívidas externas", conta Barbosa. "Com o enfraquecimento dos Estados, em muitos países o caos social foi se impondo, levando o continente a extensas guerras civis, aumento da miséria, difusão da aids, genocídios étnicos etc.", diz. Nesse período, os conflitos étnicos e religiosos mataram milhares de pessoas nas ex-colônias da Inglaterra.

NEM TODOS OS PAÍSES SOFREM COM AS MESMAS TENSÕES. BOTSUANA E SENEGAL, POR EXEMPLO, SÃO DEMOCRACIAS ESTÁVEIS HÁ 50 ANOS.

TEODORO MBASOGO

Guiné Equatorial, desde 1979

O país vivia em guerra sob o regime de Francisco Nguema, tio de Teodoro. Suspeita-se que Nguema fosse um psicopata: quase um terço da população foi morta na sua gestão. Teodoro decidiu dar um golpe de estado sangrento e jogou o tio num tribunal – foi condenado à morte. Teodoro fez uma reforma política e libertou opositores. Mas, segundo a ONG Human Rights Watch, corrupção e repressão são a base do governo. Mbasogo acumulou uma fortuna – a Guiné é o terceiro maior exportador de petróleo da África. Segundo a revista *Forbes*, tem um patrimônio de cerca de US$ 600 milhões. Mas manteve a população na pobreza – 20% das crianças morrem antes dos 5 anos.

PAUL BIYA

Camarões, desde 1982

O camaronês começou a carreira política ainda nos anos 1960. Passou de cargo em cargo até chegar, em 1975, à nomeação de primeiro-ministro, que, anos depois, seria considerado o sucessor do presidente. Em 1982, Ahmadou Ahidjo abandonou a presidência, deixando o cargo para Biya. Ele permitiu o pluripartidarismo e convocou eleições, suspeitas. Conhecido por hábitos luxuosos, Biya passa meses em um hotel cinco estrelas da Suíça com a esposa – um ultraje em um país onde um terço da população vive com menos de R$ 10 por dia. Apesar das críticas, Biya mudou as regras eleitorais, acabando com o limite de reeleições, e conquistou o sétimo mandato em outubro de 2018.

Na década de 1990, a África parecia querer mais democracia. Uma série de países, como o Congo, permitiram a criação de novos partidos, por pressão popular. No fim das contas, os governantes se mantiveram no poder – não só por fraude nas urnas, mas também por terem enriquecido ao longo dos anos e possuírem dinheiro suficiente para comprar votos e investir em suas campanhas. "A gente precisa considerar também que a cultura africana é diferente. A vinculação e identificação com os líderes é muito importante. Por isso, os governos também se mantêm por anos", diz Analúcia Danilevicz, coordenadora do Centro Brasileiro de Estudos Africanos.

A vida econômica do continente voltou a crescer nos anos 2000, quando a China entrou no jogo. Interessada no petróleo, cobre, alumínio, minério de ferro, cobalto, diamantes, madeira e urânio, o país trocou o acesso à matéria-prima africana por investimentos em infraestrutura. A África teve um boom de estradas, refinarias e ferrovias. De 2000 a 2010, o comércio entre os países do continente e a China cresceu e chegou a US$ 115 bilhões (*leia mais nas págs. 60 e 61*).

Mais uma vez, as elites se aproveitaram do momento para enriquecer ainda mais. Com um agravante: guerras se intensificaram na tentativa de controlar as matérias-primas cobiçadas pela China. "Os conflitos na Nigéria aumentaram ainda mais quando o PIB do país ultrapassou o da África do Sul. O (grupo radical) Boko Haram defende o discurso de islamização, mas seu interesse é nos recursos", explica Danilevicz. "Embora tente se organizar, assim como acontece na Etiópia, Marrocos e Quênia, não parece haver a coesão nacional na Nigéria que existe nos países do Sul", completa Barbosa.

Nem todo país africano, no entanto, sofre com as mesmas tensões. Botsuana e Senegal são democracias estáveis há 50 anos. A qualidade de vida dos habitantes da África Austral, no sul do continente, que se beneficiou do comércio com a China, também tem melhorado. "Existe um poder nacional mais coeso em vários desses países, por conta da relevância dos antigos partidos que lideraram os processos de descolonização, como no Zimbábue, Angola, Moçambique, Zâmbia, Tanzânia e África do Sul", diz Barbosa. "Isso não quer dizer que todos os problemas africanos estão sendo resolvidos. Mas pelo menos existem ali elites dirigentes que podem fazê-lo se assim o quiserem", conclui.

Foto Getty Images

GNASSINGBÉ EYADÉMA

Togo, 1967-2005

Aos 25 anos, veterano de guerra pelo exército francês, liderou uma gangue de recrutas que matou a tiros o presidente Nicolas Grunitzky. E instaurou uma ditadura nacionalista. Acabou com a oposição, prendeu e torturou dissidentes. Obrigou todos os cidadãos a retomarem seus nomes africanos. Foi só na onda democrática dos anos 1990 que Eyadéma permitiu eleições. Libertou do exílio e das prisões seus inimigos e apoiou a criação de novos partidos. Venceu a primeira eleição, sob suspeita, e outras duas – essas com menos suspeitas. Morreu em casa, de infarto, em 2005. Como herança, deixou ao país os prejuízos de empresas estatais mal geridas e quebradas pela corrupção.

MUAMMAR KADAFI

Líbia, 1969-2011

Com apenas 27 anos, o capitão Kadafi liderou o movimento para depor, pacificamente, o rei Idris. E, assim, declarou-se presidente da Líbia. O país havia acabado de descobrir reservas de petróleo – e a expectativa era que se tornasse um dos mais ricos da África. Kadafi queria transformar a Líbia em uma potência. De 1970 a 1985, investiu pesado em seu Exército: US$ 29 bilhões, com mais de 700 aviões, submarinos e helicópteros. Envolveu-se em conflitos na Eritreia, Marrocos e Mali. E, por recusar interferências internacionais, sofreu sanções. Nunca acreditou no poder das urnas, negando espaço a qualquer manifestação popular. Em 2011, com a Primavera Árabe, reprimiu de forma violenta as manifestações contrárias. Acabou capturado e morto por forças rebeldes, com o consentimento da Otan, aliança militar liderada pelos EUA.

PARTE

ÁFRICA DO SÉCULO 21

O que está acontecendo, de bom e de ruim, na África atual.

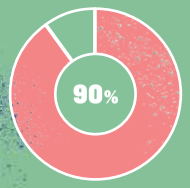
África hoje

Fique por dentro da diversidade e das curiosidades – boas e nem tão boas assim – do continente africano e acabe com a ideia de que lá só existe fome, guerras e elefantes.

texto **Henrique Kanitz** e **Maurício Brum** ilustração **Rodrigo Fortes**

① CABO VERDE

É o **país mais democrático da África,** segundo a Freedom House. A ilha ganhou **90 pontos de 100** e empatou com a França.



② GUINÉ-BISSAU

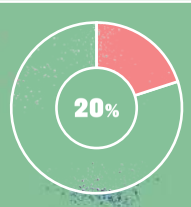
O caju representa **90% das exportações** do mais pobre dos países lusófonos.

TUNÍSIA

Tornou-se o **primeiro país africano a ter uma prefeita.** Suad Abderrahim venceu em Túnis este ano.

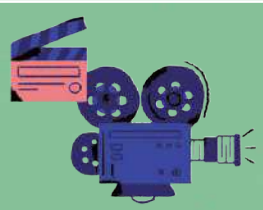
③ SENEGAL

Será o primeiro país africano a sediar os **Jogos Olímpicos da Juventude (2022, em Dacar).**



④ MAURITÂNIA

Último país do mundo a abolir a escravatura, em 1981. Ainda hoje **20% vivem em condições de escravidão.**



⑩ BURKINA FASO

Tem o principal festival de cinema do continente, o **FESPACO**, que acontece em Ouagadougou a cada dois anos.

⑪ NÍGER

Dos 20 países com menor desenvolvimento humano, 19 estão na África, e **Níger é o último colocado.**

MARROCOS

Os marroquinos vivem 77,1 anos, em média. Maior média africana e três a mais do que os brasileiros.

⑥ ARGÉLIA

O governo **deportou mais de 13 mil imigrantes** para o Deserto do Saara nos últimos 14 meses.

⑦ TUNÍSIA

⑧ LÍBIA

Para evitar lavagem de dinheiro e o financiamento de grupos terroristas, o Banco Central da Líbia **proíbe qualquer moeda virtual.**

EGITO

Segundo o Banco Mundial, é o **país com a maior desigualdade econômica** da África.

⑫ NIGÉRIA

O primeiro escritor africano a vencer o Prêmio Nobel foi o nigeriano Wole Soyinka, em 1986.

⑬ CHADE

Mais de

300 MIL

refugiados sudaneses vivem no país. Consequência dos conflitos de Darfur.

ERITREIA

Dona da maior dívida pública da África:

150%

do próprio PIB.

⑭ SUDÃO

É o país com mais pirâmides no mundo: são mais de 200, o dobro do Egito.

DJIBOUTI

O estreito de Bab-el-Mandeb, que liga o Índico ao Mar Vermelho, abriga **as únicas bases militares permanentes dos EUA e da China** no continente africano.

MARROCOS ⑤
MAURITÂNIA ④
CABO VERDE ①
③ SENEGAL
② GUINÉ-BISSAU
BURKINA FASO ⑩
NÍGER ⑪
NIGÉRIA ⑫
CHADE ⑬
⑨ EGITO
ERITREIA ⑮
DJIBOUTI ⑯

COSTA DO MARFIM 17 · 18 TOGO · 19 BENIM · GUINÉ EQUATORIAL 22 · 23 GABÃO · 24 CONGO · REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA 20 · REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO 25 · RUANDA 26 · 27 BURUNDI · ETIÓPIA 21 · QUÊNIA 28 · ANGOLA 29 · TANZÂNIA 30 · ZÂMBIA 31 · ZIMBÁBUE 34 · NAMÍBIA 32 · BOTSWANA 33 · LESOTO 36 · ÁFRICA DO SUL 35 · SEYCHELLES 37 · MADAGASCAR 38 · MAURÍCIO 39

18 TOGO

É o país africano há **mais tempo governado pela mesma família,** os Eyadéma. Desde 1967.

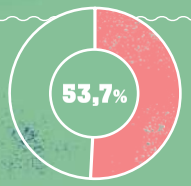
COSTA DO MARFIM

Único país da região que ainda mantém o **nome inspirado no produto traficado** pelos navegadores europeus.

19 BENIM

Estima-se **que até**

do povo seja de agudás, descendentes de ex-escravos que voltaram do Brasil.



20 REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA

53,7% da população não tem o que comer.

22 GUINÉ EQUATORIAL

Tem o maior PIB per capita da África, **graças ao petróleo: US$**

anuais.

23 GABÃO

País mais urbanizado da África: 89% da população vive em cidades. A média mundial é 53%.

24 CONGO

Os pigmeus são considerados **os pais mais atenciosos do mundo**: 47% das crianças são cuidadas por eles.

26 RUANDA

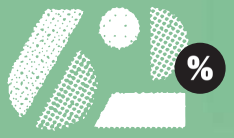
É o **4º país com maior igualdade salarial** entre homens e mulheres no mundo. O Brasil é o 90º.

27 BURUNDI

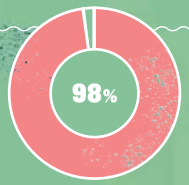
É o país menos feliz do mundo, segundo a ONU. O ranking leva em conta PIB e a percepção de corrupção.

33 BOTSWANA

2º lugar em produção mundial de diamantes.



das exportações são do cristal.



34 ZIMBÁBUE

Em 2008, viveu a maior inflação da história do continente: **98% ao dia.** Para amenizar a crise, adotou o US$.

ÁFRICA DO SUL

Uma das maiores produtoras do mundo de dois dos metais mais caros. **1º lugar em platina,** 6º lugar em ouro.

Luanda é a cidade mais cara para se viver no mundo. O salário mínimo local enche o tanque do carro 2x. Só.

Tem só 3 habitantes por km², atrás apenas da Mongólia.

ZÂMBIA

Guarda uma das 7 maravilhas naturais do mundo, as Cataratas de Vitória, maior queda d'água do planeta.

LESOTO

A África é o continente com menos fumantes, mas em **Lesoto** 27,2% curtem um cigarrinho.

MAURÍCIO

Maior densidade populacional do continente: **622 pessoas por km².**

TANZÂNIA

O ponto mais alto da África tem 5.895 m de altura, na fronteira com o Quênia.

QUÊNIA

Wangari Maathai foi a **primeira africana negra a vencer o Nobel,** o da Paz, em 2004.

ETIÓPIA

Graças a investimentos públicos em massa, deve ser o **país que mais crescerá no mundo em 2019**: alta de até 9,7% no PIB.

SEYCHELLES

Com

é o melhor da África no quesito e o 62º no mundo.

MADAGASCAR

90% das espécies encontradas na ilha só existem lá.

Nollywood, o segundo maior cinema

A Nigéria desbancou os EUA em volume de produção e hoje divide as atenções com Moçambique e Senegal.

texto **Juan Ortiz e Sílvia Lisboa**

2016

COMBOIO DE SAL E AÇÚCAR

de Licínio Azevedo – Moçambique

É sobre um grupo de moçambicanos que viaja ao Malawi com o objetivo de trocar sal por açúcar e garantir uma renda para suas famílias. Porém, a perigosa travessia inclui zonas de conflito em meio à guerra civil que assola o país. O filme recebeu importantes galardões internacionais, como o Tanit de Ouro do Festival de Cartago, na Tunísia, e o Prêmio da Federação Internacional de Críticos de Cinema.

No início dos anos 1990, a Autoridade Nigeriana de Televisão (NTA) cancelou diversas telenovelas para cortar gastos. A emissora oficial era então a maior produtora de entretenimento do país, e a decisão deixou a classe artística alarmada. Não seria fácil viver de TV em meio à recessão econômica e às políticas do governo militar de Ibrahim Babangida, que depôs o também general Muhammadu Buhari em 1985. Foi aí que o cineasta Kenneth Nnebue teve uma ideia: chamou o diretor Chris Obi-Rapu e outros nomes da NTA para filmar, em 1992, o longa-metragem *Living in Bondage* (Vivendo no Cativeiro, em português).

O projeto contava com um orçamento de US$ 12 mil, que mal cobria os custos de produção, o roteiro estava em igbo (umas das mais de 500 línguas faladas na Nigéria), e a distribuição usava fitas VHS baratas. No papel, a aposta tinha tudo para dar errado. Mas o filme caiu no gosto dos nigerianos e vendeu mais de 500 mil cópias em poucas semanas. Inspirada na façanha de Nnebue, toda uma geração de entusiastas se aventurou na sétima arte, mesmo com pouca grana e experiência. Assim nasceu a meio artesanal, meio noveleira Nollywood, que lança em média 1,2 mil títulos por ano. Nesse quesito, é a segunda maior indústria cinematográfica do mundo, à frente de Hollywood e atrás da indiana Bollywood.

O relativo sucesso desse modelo de cinema é o resultado de uma mistura de fatores. Os filmes nigerianos se valem de gêneros populares, como a tradição do teatro itinerante iorubá, e extraem seu conteúdo de histórias urbanas de romance, riqueza, bruxaria. A forma mais comum de encontrar as produções é em VHS, CDs ou DVDs, vendidos em pacotes de até oito vídeos por US$ 4. Como capítulos de telenovelas, as cenas são preenchidas com diálogos longos, o que barateia os custos de produção. Os nigerianos produzem cerca de 50 filmes toda semana, conforme um relatório de 2014 da consultoria PricewaterhouseCoopers.

É claro que nem a projeção de US$ 250 milhões arrecadados por Nollywood para 2018 chega aos pés dos americanos. Só o filme *Avatar*, por exemplo, faturou US$ 2,7 bilhões em bilheteria. Mas os cineastas da Nigéria conseguiram fazer o que ainda dá muito trabalho no Brasil: convencer a população a ver seus filmes e apoiar a cultura local.

A cena cult

Os cineastas de Nollywood não são os primeiros da África nem os mais aclamados pela crítica. Um dos idealizadores do cinema africano foi, na verdade, o senegalês Ousmane Sembène, que ajudou a consolidar o movimento cinematográfico das ex-colônias francesas. Fundado em 1969, o Festival Pan-Africano de Cinema e Televisão de Ouagadougou (Fespaco), em Burkina Faso, é a principal vitrine dessa escola. A maioria desses produtores, porém, ainda é dependente dos recursos financeiros e técnicos da França. Em função disso, alguns dos maiores nomes do cinema franco-africano acabaram migrando, como é o caso do tunisiano Abdellatif Kechiche e do mauritano Abderrahmane Sissako, ambos vencedores no Festival de Cannes.

Em Moçambique, a sétima arte tem um brasileiro entre seus destaques. Em 1977, o gaúcho Licínio Azevedo chegou ao país a convite do recém-empossado governo local e acabou ficando por lá. O então jornalista de 26 anos queria acompanhar de perto os movimentos de independência africanos. Inicialmente, Azevedo trabalhou no Instituto de Cinema de Moçambique, onde escreveu seus primeiros roteiros ao lado de cineastas como Ruy Guerra, um dos mestres do Cinema Novo, e os franceses Jean Rouch e Jean-Luc Godard. Contrário à postura colonizadora, o estilo de direção de Azevedo prioriza a fala espontânea dos personagens e usa cenários reais com sons naturais. Ele também produziu alguns dos mais aclamados documentários sobre a experiência pós-colonial e pós-guerra civil moçambicana, como *A Árvore dos Antepassados* (1994) e *A Guerra da Água* (1996).

2003

A ESQUIVA

de Abdellatif Kechiche - Tunísia

Vencedor de quatro prêmios César em 2005, o filme conta a história de um grupo de jovens com diferentes origens étnicas que moram na periferia parisiense.

2010

IJÉ – THE JOURNEY

de Chineze Anyaene - Nigéria

O filme conta a história de Chioma, que vai aos EUA ajudar sua irmã Anya, acusada do assassinato. Uma das atrizes é a aclamada Otomola Jalade, que já atuou em mais de 300 filmes de Nollywood e tem mais de 3 milhões de seguidores no Twitter.

FOTOS reproução, divulgação

Um novo colonialismo?

Como os investimentos chineses estão mudando a vida e a geopolítica da África no século 21.

texto **Maurício Brum**

Em 11 de setembro de 2018, após duas décadas de conflitos, Eritreia e Etiópia finalmente reabriram a fronteira que as divide. Foi um dia de alívio: uma guerra entre os dois países estourou em 1998 e, desde então, nenhum acordo havia sido firmado a respeito das disputas territoriais que motivaram o combate. "É maravilhoso. Eu vim aqui para encontrar parentes que eu não via há 20 anos", celebrava um etíope ouvido pela BBC na cidade fronteiriça de Zalambessa. Como ele, milhares de pessoas se uniram para celebrar a paz nos locais próximos à divisa. A festa generalizada em dois dos países mais pobres do mundo ecoou também em um dos mais ricos: poucos tinham tanto em jogo quanto a China, que vem investindo pesado na África desde a virada do século e só perderia com a continuidade da guerra.

Muitos analistas sugeriram que o sofrido processo de paz só conseguiu chegar a uma resolução – que até alguns anos atrás parecia improvável – graças à influência chinesa. A Etiópia é particularmente importante nesse cenário. Desde o ano 2000, o país esteve entre os africanos que mais receberam empréstimos da China no continente, mais que um décimo do total. Cerca de US$ 12 bilhões repassados pelo governo de Xi Jinping ajudaram a financiar a construção e a reforma de grandes projetos que melhoraram as condições de vida na região e geraram milhares de empregos – estradas, ferrovias, barragens e fábricas. Com tanto investimento, a Etiópia ganhou o apelido de "China da África" – não só pela presença cada vez maior de empresários orientais no país, mas também pelo seu rápido crescimento econômico. Na última década, o PIB etíope aumentou uma média de 10% ao ano, e a previsão é que continue sendo o que mais rapidamente cresce no mundo (*veja quadro ao lado*).

O interesse chinês no continente não é novidade. Ainda nos anos 1960, Mao Tsé-Tung manteve ótimas relações com alguns dos mais proeminentes líderes africanos que lutavam contra a dominação colonial. Em plena Guerra Fria, essa aproximação era também uma maneira de garantir que as novas nações independentes não saíssem da esfera de influência do bloco socialista. O principal projeto dessa época foi a ferrovia Tazara, inaugurada em 1976, que, ao longo de quase 2 mil quilômetros, ligava as minas de cobre no interior da Zâmbia ao porto de Dar Es Salaam, na Tanzânia – foi a primeira grande obra pan-africana dedicada ao transporte terrestre.

Quatro décadas depois, a linha hoje está decrépita e só passam nela dois trens por semana, mas a própria China promete ajudar a reformá-la, colocando até um trem-bala em cima – o tempo total de viagem, que hoje leva dois dias em condições normais, poderia cair para apenas dez horas. Os chineses também falam em conectar a rede existente aos vizinhos Uganda, Ruanda e Burundi, países sem litoral que ganhariam acesso fácil aos portos do leste africano.

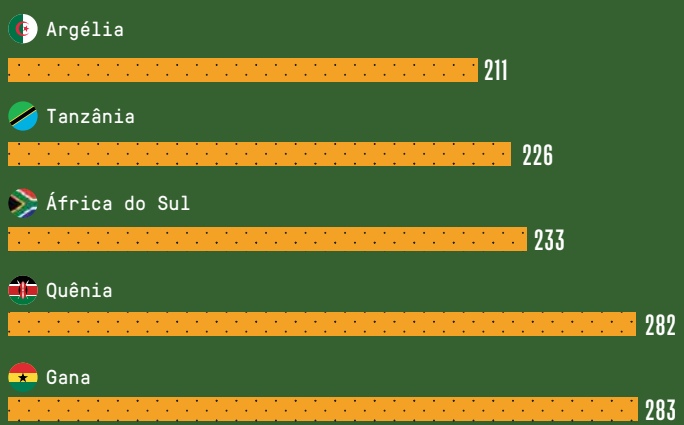
Pequim está de olho nos recursos do continente e em expandir mercados para seus produtos. O valor total do comércio entre a China e a África cresceu exponencialmente, saltando de US$ 10 bilhões em 2000 para US$ 220 bilhões em 2014. Ainda mais importante do que isso, porém, é a mudança na maneira como essa relação econômica se dá. Na época em que Mao fez seus primeiros contatos com os revolucionários da África, a China era um país muito mais pobre e fechado ao mercado do que é hoje – o dinheiro, além de ser mais curto, chegava aos africanos por meio de doações e verbas de ajuda humanitária. Hoje, os valores são empréstimos, que devem ser devolvidos em algum momento.

PARA ONDE VAI O DINHEIRO

Onde estão as maiores apostas dos chineses no continente africano.

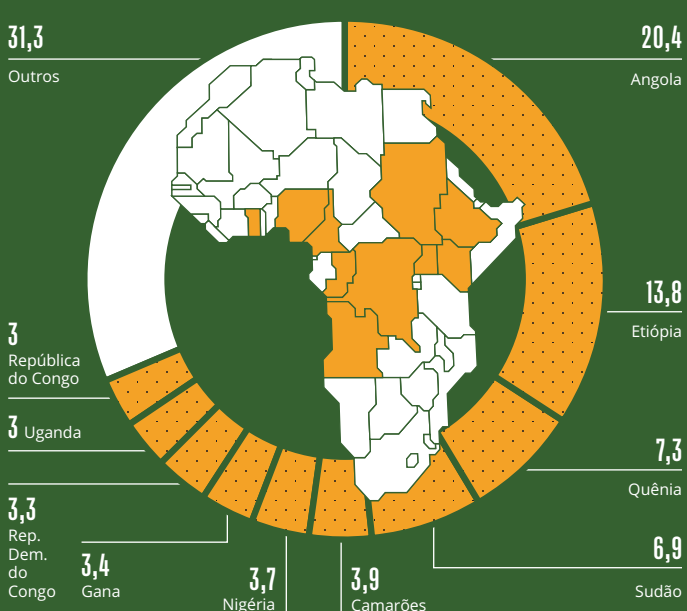
PRINCIPAIS ALIADOS

Países que mais receberam investimento direto da China (2015), em milhões de dólares.



AJUDINHA FINANCEIRA

% do total de empréstimos chineses recebidos (2000-2015).



FONTE China-Africa Research Initiative da Escola de Estudos Internacionais Avançados da Universidade Johns Hopkins (EUA).

É esse novo cenário que torna a China tão mais influente na região. Cada vez mais endividados, alguns governos de nações menores têm se tornado extremamente dependentes da boa vontade de Xi Jinping. Em Djiboti, um país de menos de 1 milhão de habitantes encravado entre Somália, Eritreia e Etiópia, a dívida externa saltou de 50% para 85% do PIB nos últimos dois anos, graças aos empréstimos chineses. A situação se repete pelo continente – a China já financiou mais de 3 mil projetos de infraestrutura na África desde a virada do século. Com seu sistema de partido único e pesada censura e perseguição a quem questiona o governo, a China também conta com uma "vantagem" em relação às democracias ocidentais: não precisa se preocupar com eventuais crises de relações públicas por ajudar governos que, com frequência, são também ditaduras. Assim, Xi Jinping pode passar por cima de críticas como aquelas que o governo brasileiro sofreu, por exemplo, ao emprestar dinheiro a países africanos por meio do BNDES.

Quando ainda era secretária de Estado no governo de Barack Obama, Hillary Clinton definiu o domínio da China na região como um "novo colonialismo". Ela alertava que o boom econômico dos últimos anos poderia, no longo prazo, beneficiar apenas as elites africanas e criar Estados-fantoches. Apesar disso, na prática os investimentos chineses são mais diversificados que os dos norte-americanos. Dois terços das verbas vindas dos EUA ajudam a financiar projetos de mineração no continente, que são mais lucrativos, mas têm pouco efeito direto na vida da maioria da população – no caso da China, a proporção desse setor é menos de um terço e há foco maior na infraestrutura utilizada diariamente pelas pessoas.

O próximo passo de Jinping já está definido: nos próximos dez anos, a China pretende investir US$ 10 bi para construir um megaporto internacional em Bagamoyo, cidadezinha de pescadores na costa da Tanzânia. A ideia é repetir, na África, o que aconteceu com a cidade chinesa de Shenzhen que, após virar um hub portuário, tornou-se um polo tecnológico com mais de 20 milhões de pessoas. Se o projeto sair do papel, Bagamoyo será o maior porto africano, facilitando o comércio com a Ásia – e tornando os laços com a China ainda mais sólidos. No xadrez político do século 21, é Pequim quem desponta na hora de fazer aliados na África.

Ciência da África

As principais descobertas, invenções e pesquisadores do continente.

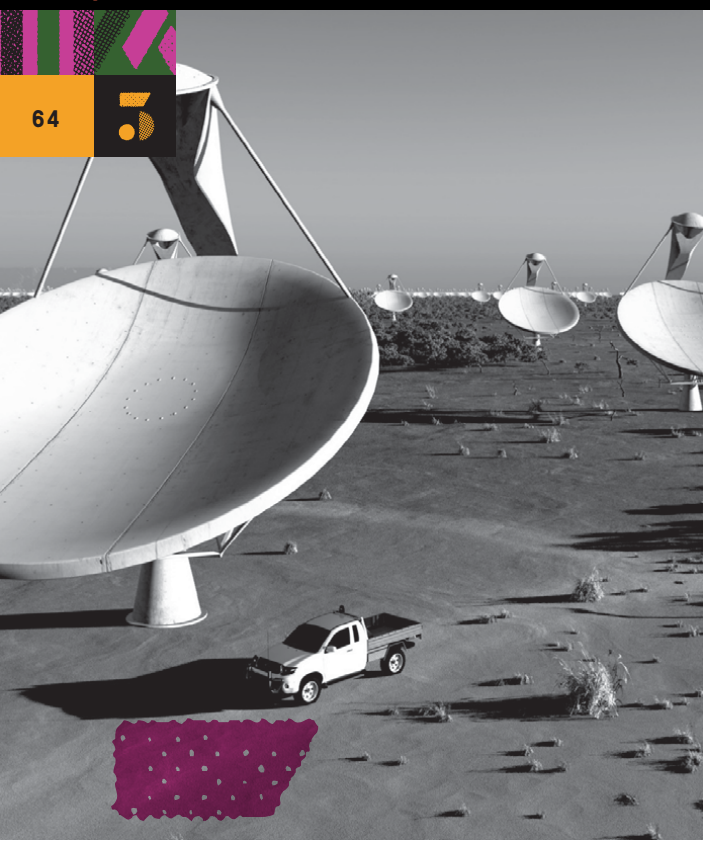
texto **Henrique Kanitz e Juan Ortiz**
ilustração **Rodrigo Bastos Didier**

DESCOLONIZANDO A HISTÓRIA AFRICANA

A DOMINAÇÃO EUROPEIA na África não foi apenas militar, política e econômica. Ela também tentou apagar a história do continente. Não sobrava nem o Antigo Egito, considerado por anos como um país fora das fronteiras africanas, o que levava a classificar os os avanços tecnológicos do tempo dos faraós como "orientais" – e não como africanos. Cheikh Anta Diop, um antropólogo nascido no Senegal em 1923, ajudou a virar esse jogo. Para resolver a questão egípcia, ele criou em 1966 o laboratório de radiocarbono (método de datação radiométrica que utiliza o carbono como base para estimar a idade de materiais) na Universidade de Dakar, capital do país, que hoje carrega seu nome. Ali, fez testes na melanina muito bem preservada de múmias provenientes de escavações em Marietta, no Egito. As análises de Diop indicaram que as múmias eram de negros por causa do nível de melanina inexistente nas raças de pele branca. Isso colocou de vez os egípcios antigos entre os africanos. Suas teses vinham desde 12 anos antes, quando publicou seu primeiro livro *Nações Negras e Cultura*, no qual discute a língua, cultura e lógica africanas, mostrando como o continente abrigava um povo intelectualmente dotado. Ele estudou também o início das civilizações na África.

UMA MATEMÁTICA ANTIRRACISTA

NA DÉCADA DE 1970, o matemático brasileiro Ubiratan D'Ambrósio se deparou com uma pergunta que iria persegui-lo pelo resto da vida: por que seus alunos africanos se viam obrigados a aprender matemática seguindo moldes que não tinham nada a ver com a realidade deles? D'Ambrósio trabalhava como professor universitário em Mali, no sudeste do Saara, quando começou a defender uma nova forma de ensino adaptada às particularidades de cada cultura. Ele argumentava, por exemplo, que os malinenses foram capazes de construir grandes mesquitas com métodos próprios, há mais de 500 anos, mas essa sabedoria não era considerada. O brasileiro, então, criou a etnomatemática, que estuda as diferentes quantidades, medidas e padrões geométricos dos povos por meio de aspectos históricos e sociológicos. Sua abordagem serve, por exemplo, para compreender a lógica arquitetônica das muralhas de pedra no Zimbábue ou os métodos de dedução probabilística dos jogos de apostas na Nigéria. Em 2001, ele venceu o prêmio da Comissão Internacional de História da Matemática. Quatro anos depois, recebeu a medalha Felix Klein, da Comissão Internacional de Instrução Matemática, por suas contribuições educacionais. Hoje, é professor emérito da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).



VIGILANTE DO ESPAÇO

O PAÍS DE NELSON Mandela é a sede do Square Kilometre Array (SKA), o projeto do maior e mais potente radiotelescópio do mundo. Quando for concluído, em 2030, terá uma área de coleta de 1 km². A título de comparação, o maior telescópio da China tem uma área de cobertura de 196.000 m², bem menor que a do sul-africano. O SKA também será 50 vezes mais sensível e 10 mil vezes mais rápido do que os melhores radiotelescópios em atividade, com capacidade para detectar ondas de rádio de objetos a milhões ou até bilhões de anos-luz da Terra. A entrega da primeira parte do projeto está prevista para 2020. Esse supertelescópio é, na verdade, um conjunto de milhares de antenas espalhadas pelo deserto do Karoo, na parte ocidental da África do Sul, e em outros oito países parceiros africanos, como Botsuana, Gana, Quênia, Madagascar, Maurício, Moçambique, Namíbia e Zâmbia. Atualmente, o programa tem 11 membros de cinco continentes – só a América do Sul ficou de fora. O objetivo do SKA é ajudar os astrônomos a entender os detalhes da formação de estrelas e galáxias, ampliar as pesquisas sobre a matéria escura e até mesmo detectar se há vida em outras partes do Universo.

A ESPERANÇA DAS MAMÃES

BRIAN TURYABAGYE estudava engenharia de telecomunicações quando acompanhou a doença da avó de uma colega. Os médicos a diagnosticaram com malária, mas na verdade era pneumonia, que só foi descoberta quando não havia mais o que ser feito. O ugandês, então com 24 anos, ficou com aquilo na cabeça. A pneumonia afetava muito mais crianças na África: 500 mil dos menores de 5 anos no continente inteiro e 27 mil só em Uganda. O principal problema era o diagnóstico errado. Obcecado em desenvolver um método mais confiável, Brian criou um colete que identifica pneumonia em crianças. Chamado de MamaOpe, ou "esperança da mamãe", o dispositivo é mais certeiro. Coleta dados da caixa torácica da criança e envia a um computador em poucos minutos.

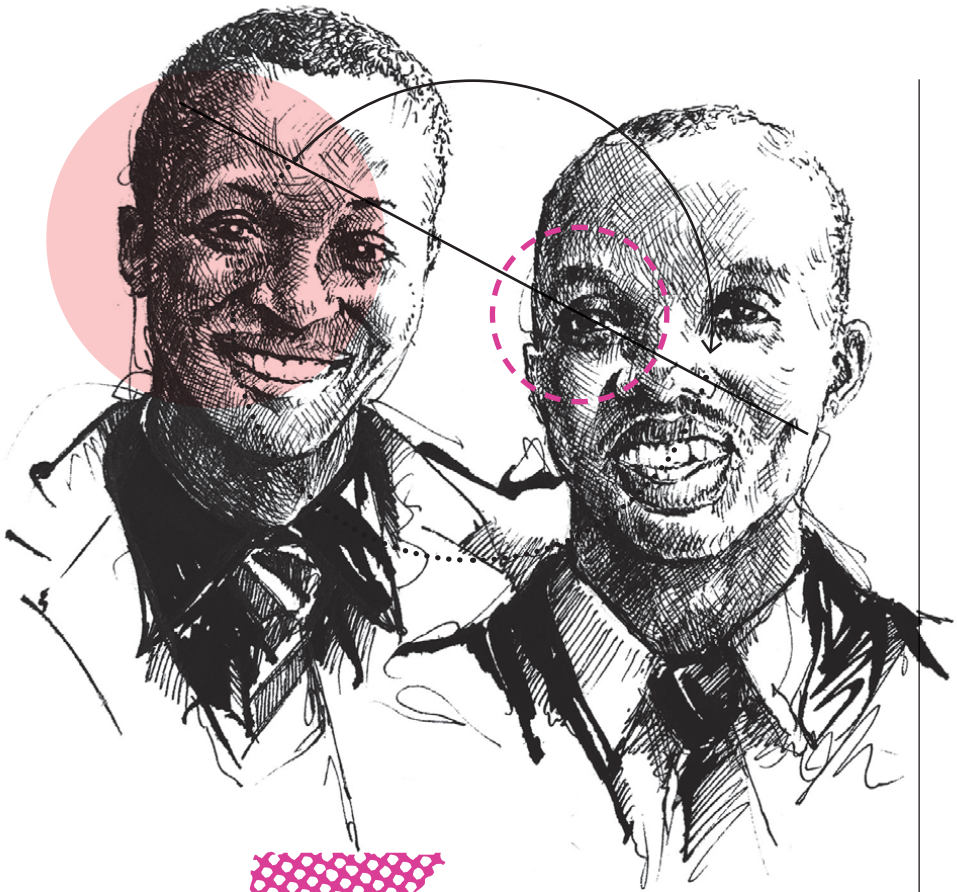


Foto Wikimedia Commons

UM BANHO CONTRA A MALÁRIA

UM SABONETE PODE ser a nova arma contra a doença, que só em 2016 atingiu 216 milhões de pessoas, segundo o último relatório da OMS. Destas, 445 mil morreram – 91% delas na África. A ideia é dos pesquisadores Moctar Dembélé, de Burkina Faso, e Gérard Niyondiko, de Burundi, que criaram o "sabão Faso", depois de perceber que os repelentes já não são tão eficientes contra os mosquitos vetores da doença.

A invenção se baseia em microcápsulas contendo repelentes naturais do mosquito, composto de cravo-africano, manteiga de karité e capim-limão. A pessoa se ensaboa com o produto e, de lambuja, fica imune ao mosquito transmissor. A meta é fazer com que o sabão seja efetivo até 6 horas depois de aplicado. Além de eficaz, o sabonete, que combina higiene e prevenção, é muito mais barato e menos perigoso do que repelentes e venenos. Dembélé e Niyondiko trabalham no Centro Nacional de Pesquisa contra a Malária, em Burkina Faso. Eles já angariaram fundos de fontes internacionais e esperam salvar ao menos 100 mil vidas.

UMA PLANTA CONTRA VERMES

A ESQUISTOSSOMOSE É uma doença tão feia quanto o nome. Afeta o intestino ou o canal urinário, causa diarreia, anemia, inchaço do fígado e do baço. A doença consiste em pequenos vermes que se instalam no corpo, e seu principal vetor é o caramujo, abundante em regiões quentes, úmidas e onde falta higiene. Um problema principalmente para a África, onde estão quase 92% dos casos – e que foi resolvido com um fruto local.

A situação era pior antes de Aklilu Lemma, cientista da Etiópia que bolou a solução usada ainda hoje no controle da doença.

Em 1964, observando os rios em que as lavadeiras de seu país limpavam as roupas, ele descobriu que os caramujos morriam naquelas águas. Depois de pesquisas nos laboratórios da Universidade de Adis Abeba, capital do país, descobriu que o responsável era uma toxina encontrada no endod, um arbusto nativo.

Foi então que começou a fazer experimentos em Adwa, cidade no norte etíope, com 17 mil habitantes. Depois de cinco anos, os índices da doença caíram de 63% para 34% – e nas crianças, em que a esquistossomose afetava metade, passou para 7%. Tudo com o fruto da planta sendo usado como sabão, para prevenção, e na água, para exterminar os vetores.

Lemma ganhou prêmios e hoje dá nome ao Instituto de Patobiologia da Universidade de Adis Abeba. Sua descoberta, muito mais barata e menos danosa do que os pesticidas usados até então, ainda é a principal forma de se combater a doença do caramujo.

EDITORA Abril
Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990)
ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Conselho Editorial: Victor Civita Neto (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente) e Giancarlo Civita

Diretora de Marketing: Andrea Abelleira

SUPER INTERESSANTE

Diretor de Redação: Alexandre Versignassi
Editores: Bruno Garattoni
Editora Assistente: Ana Carolina Leonardi
Repórteres: Bruno Vaiano, Luiza Monteiro e Rafael Battaglia
Editora de Arte: Bruna Sanches
Designers: Anderson C.S. de Faria, Juliana Caro, Tainá Ceccato, Yasmin Ayumi
Estagiária: Ingrid Luisa

DOSSIÊ SUPER INTERESSANTE

Editor: Alexandre Versignassi
Colaboraram nesta edição: Fronteira - Agência de Jornalismo (edição), Alexandre Carvalho, Alexandre de Santi, André Schröder, Carol Castro, Henrique Kanitz, Juan Ortiz, Maurício Brum e Sílvia Lisboa (texto), Estúdio Nono (projeto gráfico e edição de arte), Alexandre Carvalho (revisão) e Anderson C.S. de Faria (produção gráfica)

África: 300 mil anos de história
ISBN 978-85-69522-80-5

é um livro da Editora Abril S.A., distribuído em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.
O Dossiê África: 300 mil anos de história não admite publicidade redacional.

IMPRESSO NA GRÁFICA ABRIL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A163a

Abril Comunicações

África: 300 mil anos de história. / Abril Comunicações ; editado por Silvia Lisboa. – São Paulo: Abril, 2018.

66 p ; il. ; 27 cm.

(Dossiê Superinteressante , ISBN 978-85-69522-80-5 ; ed. 398-A)

1. Ciência – Origem da vida. 2. Origem humana – História - África. 3. Evolução humana – História - África. I. Título. II. Abril Comunicações. III. Lisboa, Silvia. IV. Série.

CDD 509.6

BAIXAR SOFTWARE

BAIXE SOFTWARES E JOGOS
PARA WINDOWS E ANDROID

REVISTAS, EBOOKS,
GRÁFICOS, FONTES
TRUETYPE, ÍCONES...
e muito mais!

Confira!

VISITE-NOS: www.baixarsoftware.com